

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
FACULDADE DE ARTES
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES - PROFARTES

LEONICE FARIAS DA SILVA

**CORAL UIRAPURU E WALDEMAR HENRIQUE: ECOANDO A CULTURA
AMAZÔNICA EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE MANAUS/AM**

MANAUS

2024

LEONICE FARIAS DA SILVA

**CORAL UIRAPURU E WALDEMAR HENRIQUE: ECOANDO A CULTURA
AMAZÔNICA EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE MANAUS/AM**

Dissertação apresentada à Banca para obtenção do título de Mestre em Artes, junto ao Mestrado Profissional em Artes - PROF-ARTES. Linha de Pesquisa: Processos de ensino, aprendizagem e criação em Artes.

Orientador: Prof. Dr. Hermes Coelho Gomes.

MANAUS

2024

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

S586c Silva, Leonice Farias da
Coral Uirapuru e Waldemar Henrique: ecoando a cultura amazônica em uma escola pública de Manaus/AM / Leonice Fariasda Silva . 2024
80 f.: il. color; 31 cm.

Orientador: Hermes Coelho Gomes
Dissertação (Mestrado Profissional em Artes) -
Universidade Federal do Amazonas.

1. Canto Coral. 2. Cultura Amazônica. 3. Ensino Médio. 4. Waldemar Henrique. 5. Laços Sociais. I. Gomes, Hermes Coelho. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela sabedoria, saúde e força que me concedeu para realizar este trabalho. Sem Sua ajuda, não teria conseguido escrever uma única linha. Agradeço pela orientação divina que permeou cada passo desta jornada acadêmica.

À minha família, que acreditou em mim e compreendeu quando precisei renunciar aos nossos momentos de lazer para me dedicar à escrita.

À minha filha Liliane, que não mediu esforços para me ajudar em tudo, desde os ensaios e gravação do vídeo até a edição final dele.

Agradeço ao Coral Uirapuru pela oportunidade de realizar este trabalho e, especialmente, aos coristas, verdadeiros guerreiros cuja dedicação foi crucial para o desenvolvimento do nosso produto final.

Ao inspirador Prof. Dr. Hermes Coelho, meu orientador dedicado, que, com muita generosidade e investimento do seu valioso tempo, iluminou o caminho que trilhei em busca do saber.

Agradeço à Universidade Federal do Amazonas, aos professores e ao Programa ProfArtes por terem me proporcionado, por meio das disciplinas, a exposição a diversas perspectivas que inspiraram novas ideias, enriquecendo minha jornada acadêmica e contribuindo significativamente para minha compreensão do campo de pesquisa. Com certeza, isso moldou meu conhecimento.

Agradeço à CAPES pela bolsa que tornou meu mestrado possível, permitindo investimentos em cenários e figurinos que enriqueceram significativamente o produto final da pesquisa. Sua generosidade foi fundamental para o sucesso desta jornada acadêmica.

Finalizo agradecendo aos Profs. Dr.s Renato Brandão e José Benedito dos Santos por concordarem em integrar a banca avaliativa desta pesquisa e, além disso, por compartilharem valiosas contribuições que não apenas enriqueceram significativamente meu processo de aprendizado, mas também me forneceram insights e ideias preciosas que foram incorporadas ao texto final. Agradeço pela generosidade intelectual e orientação que tornaram possível aprimorar ainda mais este trabalho.

Dedico este trabalho ao meu saudoso e amado pai, José, que sempre foi o meu maior incentivador nos estudos e na vida.

*“Confia ao Senhor as tuas obras, e teus
pensamentos serão estabelecidos.”*

Provérbios 16:3

RESUMO

Este presente trabalho visa valorizar a cultura musical regional por meio do ensino de canto coral em uma escola pública de ensino médio em tempo integral. Os objetivos específicos incluem promover o estudo, pesquisa e prática de músicas regionais, especialmente as quatro lendas do compositor paraense Waldemar Henrique. Busca-se estimular a reflexão, interação com o meio e uma atitude pesquisadora entre os participantes, além de aprofundar o conhecimento sobre o Coral Uirapuru e sua trajetória. O coral é posicionado como uma ferramenta para promover convivência sólida e oferecer apoio emocional, indo além da simples prática de cantar em conjunto. Destaca-se a relevância do Coral Uirapuru e da obra de Waldemar Henrique como iniciativas culturais significativas, contribuindo para a integração social e o desenvolvimento pessoal dos participantes. O projeto aborda o desafio de despertar o interesse dos estudantes pela cultura musical local, utilizando estratégias inovadoras para valorizar a diversidade cultural amazônica, como a apresentação digital das lendas de Waldemar Henrique em formato de coro cênico, que busca preservar e conectar tradições culturais com a contemporaneidade.

Palavras-Chave: Canto Coral; Cultura Amazônica; Ensino Médio; Waldemar Henrique; Laços Sociais.

ABSTRACT

This work aims to enhance regional musical culture by teaching choral singing in a full-time public high school. The specific objectives include promoting the study, research and practice of regional music, especially the four tales by Waldemar Henrique, composer from the state of Pará. The aim is to stimulate reflection, interaction with the environment and a research attitude among the participants, as well as deepening the knowledge of the Coral Uirapuru and its trajectory. The choir is positioned as a tool to promote solid interaction and offer emotional support, going beyond the simple practice of singing together. It highlights the relevance of the Coral Uirapuru and the work of Waldemar Henrique as significant cultural initiatives, contributing to the social integration and personal development of the participants. The project addresses the challenge of awakening students' interest in local musical culture, using innovative strategies to value Amazonian cultural diversity, such as the digital presentation of Waldemar Henrique's legends in a scenic choir format, which seeks to preserve and connect cultural traditions with contemporary times.

Keywords: Choral singing; Amazonian culture; High School; Waldemar Henrique; Social bonds.

FIGURAS

Figura 1- Depoimentos de ex-coristas.....	27
Figura 2- Aulas de teoria musical e estudo de partituras.....	28
Figura 3- Apresentação na UFAM.....	29
Figura 4- Apresentação no Evento em Homenagem às Mulheres na Escola.....	29
Figura 5- Capa da Chamada de vídeo para o Seminário das Lendas Amazônicas.....	30
Figura 6- Reunião para traçar metas para o produto final.....	30
Figura 7- Confecção da Cobra Grande.....	31
Figura 8- Preparação do Personagem (índio Macuxi)	31
Figura 9- Ensaio geral da interpretação de Tamba-Tajá.....	31
Figura 10- Cenário da Casa dos Avós.....	31
Figura 11- Cenário da Floresta.....	31
Figura 12- Detalhe da interpretação da Lenda do Boto.....	31
Figura 13- Interpretação da Música Cobra Grande.....	31
Figura 14- Interpretação da Música Uirapuru.....	31
Figura 15- Meninas com a Cobra Grande.....	32
Figura 16- Meninos com a Cobra Grande.....	32
Figura 17- Entrada do Hotel Tropical.....	38
Figura 18- Coral Uirapuru com Gestor Carlão na UEA.....	39
Figura 19- Evento da Seduc na Casa de Eventos Elegance.....	39
Figura 20- Noite de Talentos da Escola.....	40
Figura 21- Ensaio para a Mostra de Gestão.....	40
Figura 22- Aula com o Maestro Carlos.....	41
Figura 23- Apresentação do Coral Uirapuru e Coral do Inpa na Livraria Saraiva.....	41
Figura 24- Apresentação do Repertório de Lendas na ESBAM.....	42
Figura 25- Apresentação na UFAM.....	42
Figura 26- Reinauguração da Escola.....	43
Figura 27- Coral Uirapuru na chegada da tocha olímpica.....	43
Figura 28- Coral em Presidente Figueiredo.....	43
Figura 29- Coral Uirapuru no "Prosamim em Movimento".....	44
Figura 30- Apresentação no Festival de Música da Escola.....	44
Figura 31- Apresentação de Natal no Ambulatório do CECON.....	45
Figura 32- Após a apresentação no CECON.....	46
Figura 33- Um registro antes da Cantata de Páscoa.....	47

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
1.1 MEMORIAL E VIVÊNCIAS NO FAZER ARTÍSTICO.....	14
1.2 OBJETIVOS.....	19
1.2.1 Geral.....	19
1.2.2 Específicos.....	19
1.3 JUSTIFICATIVA.....	20
1.4 REFERENCIAL TEÓRICO.....	21
2. DESENVOLVIMENTO.....	25
2.1 LOCUS DA PESQUISA.....	25
2.2 METODOLOGIA.....	26
2.3 ETAPAS DO PROCESSO DE CRIAÇÃO.....	27
2.4 EXPLORANDO AS RAÍZES: A Origem da Pesquisa e a Relevância de Investigar as Quatro Lendas do Compositor Paraense Waldemar Henrique.....	34
2.5 NOTAS DE UMA HISTÓRIA: A Trajetória do Coral Uirapuru	36
2.5.1 Entre Palcos e Parcerias: Experiências e Aprendizados Artístico.....	38
2.6 CONSTRUINDO LAÇOS: O Coral Uirapuru como Agente de Convivência e Apoio Emocional.....	48
3. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	52
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	54
5. REFERÊNCIAS.....	56
6. APÊNDICES.....	59

1. INTRODUÇÃO

Cantar em conjunto é possivelmente uma das práticas sociais mais antigas, remontando aos primórdios da existência humana na Terra, quando o homem emitia sons imitando aqueles que ouvia na natureza. A música assumia um papel importante em sua vida, seja no campo religioso, social ou cultural. Deste modo, conforme destacado por Cavini (2011, p.15), "a 'música originária', portanto, reside na imitação da natureza acústica do mundo e no modo como o povo primitivo viveu e recriou esses elementos nos ritos, cantos, danças e sacrifícios."

É provável que os povos que viveram na antiguidade, como os primitivos, também usassem a música, especialmente o canto, para agradar os deuses ou a natureza, visto que, somente a partir do surgimento da cultura clássica grega, passou-se a empregar além do aspecto místico também o estético na arte musical, pois, segundo Rocha Júnior (2007, p.33), "a música, além de ser algo divino e de aproximar seus apreciadores da divindade, também aproxima seus ouvintes e seus praticantes da *philosophía*". No entanto, antes dos gregos, o povo que mais se dedicou à música foram os hebreus (2000 a.C. a 70 d.C.), especialmente durante o reinado do rei Davi (1000-960 a.C.), que era músico, poeta e compositor. Suas composições mais notáveis eram os salmos. Davi costumava reunir seus melhores músicos para apresentar suas composições ao povo, sendo comum a formação de coros com mais de mil vozes (Cavini, 2011).

Assim, segundo Michels (2003), por volta dos séculos IX-VIII a.C., a música instrumental e as formas vocais do canto falado desenvolveram-se, culminando com os Salmos de Davi. É importante observar que os salmos, embora frequentemente associados a Davi, não eram exclusivamente compostos por ele. Havia a possibilidade de serem feitos por outros em sua homenagem, como explica Gomes:

Davi foi autor de alguns dos salmos anônimos e que os títulos não são indicações precisas da autoria dos salmos. Para os termos 'de', 'para' e 'a' são usados a mesma preposição em hebraico. Um salmo 'de' Davi pode ter sido um que ele próprio escrevera, ou que o Salmo foi escrito 'para' Davi, ou ainda dedicado 'a' Davi. Entretanto, quando nos referimos ao livro dos Salmos como Salmos de Davi é porque ele foi o principal escritor e compilador, porque era poeta e músico, e louvou a Deus de todo o seu coração (Gomes, 2006, p.28).

As funções sociais do canto em grupo, desde a Grécia Antiga, são extremamente valorizadas, pois a música tinha uma função de grande relevância na educação dos cidadãos. Assim, esta iniciação social que se concebia através do canto coral preparava os adolescentes para a vida adulta e beneficiava sua formação moral, pois, "a educação musical é soberana

porque o ritmo e a harmonia gozam ao mais alto ponto, do poder de penetrar na alma e comovê-la fortemente” (Platão, 1973, p.174).

Hoje em dia, a educação musical no canto pode ser compreendida como uma pedagogia apropriada ao ensino-aprendizagem da linguagem musical e sua gramática, do conhecimento organizado das relações entre os sons e de suas infinitas possibilidades de expressão artística com o desenvolvimento cognitivo, social e cultural.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), “é necessário buscar e repensar caminhos que nos auxiliem no desenvolvimento de uma educação musical que leve em consideração o mundo contemporâneo em suas características e possibilidades culturais, contribuindo para a humanização de nossos alunos” (Brasil, 1998, p. 79).

Portanto, é preciso promover discussões, dando espaço para que os estudantes possam apreciar diversos tipos de músicas e, assim, possam perceber as características das mesmas, promovendo, desta forma, experiências de apreciação e questionamentos sobre seus contextos culturais e históricos.

Também queremos permitir que a música atravesse as barreiras de diferenças de classes e que nossos jovens de escola pública tenham a oportunidade de conhecer esse universo tão fantástico, permitindo-lhes uma vivência com a cultura musical nacional e, especialmente amazônica, com o intuito de promover a valorização da nossa cultura. Afinal, fazer parte de um coro ou aprender um instrumento musical é uma atividade que promoverá efeitos muito importantes na inclusão do aluno enquanto cidadão, pois, a cultura musical ampliará sua visão de mundo, promovendo um bem tão em falta em nossos dias: a tolerância (Sociedade Artística Brasileira, 2018). Segundo Novabrazil (2022), “vivenciar a música ajuda no convívio social, desde saber se expressar a criar vínculos. As habilidades aprendidas com sons são: expansão do vocabulário, formação cultural, habilidades de comunicação e memorização”. Desse modo, a música será para esses jovens uma experiência de comunicação humana e interação no grupo e na comunidade, pois o seu fazer artístico será também uma experiência poética, envolvendo o desenvolvimento de potencialidades, percepção, intuição, reflexão, sensibilidade, imaginação, curiosidade e flexibilidade (Gomes, 2016; Silva, 2020).

1.1 MEMORIAL E VIVÊNCIAS NO FAZER ARTÍSTICO

Para relatar a trajetória deste projeto e de sua docente, a professora Leonice Farias, faz-se necessário buscar no passado alguns fatos para entender outros tantos. Dessa forma, será aberto um parêntese em primeira pessoa para este relato.

A gênese de tudo: Tinha cinco anos de idade quando tive o primeiro contato com a música. Três irmãos meus estudavam teoria musical, e eu ficava “no pé deles”, pedindo que me ensinassem e imitava-os fazendo solfejo do Bona¹. Aprendi a ler as notas musicais nesta época. Daí em diante, a música passou a fazer parte da minha vida; fui absorvida pelo seu universo e dele jamais sairia.

Dos 7 a 12 anos, estudei noções de teoria musical e sabia solfejar tanto quanto meus irmãos, porém, meu pai não tinha condições de comprar um teclado, muito menos um órgão, que era o instrumento tocado na igreja que eu frequentava. Aos 13 anos, comecei a estudar piano. Um amigo do meu pai, ao perceber minha vontade de estudar música, pagou por um ano de aulas, além de me permitir treinar no piano de sua casa com seus filhos. Todos os dias, eu caminhava três quilômetros a pé para estudar as lições na casa desse amigo do meu pai. No entanto, nenhuma dificuldade fez com que eu abandonasse meu sonho de me tornar musicista.

Em 1986, ingressei na Escola Técnica Federal do Amazonas para cursar o Ensino Médio. A escola técnica foi fundamental para minha formação; tive excelentes mestres, incluindo um maestro que estava à frente da banda de música da escola e um tenente reformado do Exército, que contribuiu para meu desenvolvimento musical, pois participei dessa banda.

Com 15 anos, comecei a tocar órgão na igreja. Aos 17 anos, perdi minha mãe. A música foi minha terapia e válvula de escape. Deste modo, continuei estudando intensamente até me formar como organista aos 19 anos, começando também a ministrar aulas de música na igreja.

Em 1998, quando fui convidada para ser examinadora de música na igreja, senti a necessidade de aperfeiçoar meus conhecimentos musicais. Esse aprimoramento era urgente e necessário, pois, além ministrar aulas, agora também precisava realizar a avaliação final da formação das organistas. O que fazer? Optar por uma faculdade de música? Era o que precisava,

¹ O Método Bona é um sistema pedagógico musical desenvolvido por Paschoal Bona, um compositor italiano. Focado no ensino da teoria musical, abrange áreas como leitura de partituras e solfejo, sendo amplamente reconhecido no meio musical.

mas tinha parado de estudar há 10 anos. Decidi retomar os estudos: em 1999, conclui o ensino médio através do provão da Secretaria Educação do Estado do Amazonas (SEDUC/AM).

O ano de 1999 foi de muitos estudos: emprestei apostilas e livros e elaborei meu programa de estudos, dedicando-me sozinha de 5 a 6 horas por dia. Fui à luta. Passei no vestibular! Sinceramente, nem acreditei quando vi meu nome estampado naquele jornal. Tinha conseguido entrar na Universidade Federal do Amazonas (UFAM)!

Em 2000, iniciando um novo milênio, comecei uma jornada em busca de um sonho: tornar-me professora de artes e música. Na UFAM, encontrei mestres extraordinários que me ensinaram muito além de artes e música; amigos e artistas que contribuíram muito para minha formação, não só acadêmica, mas também como ser humano. Lembro-me das sextas culturais com música, declamação de poemas e teatro de fantoches, quando estudávamos no prédio na Joaquim Nabuco². Era uma casa antiga e mal-assombrada; ninguém se arriscava a ficar estudando piano sozinho no porão, pois de vez em quando alguém escutava o piano tocar sozinho.

Em 2003, ainda cursando a graduação, comecei a lecionar aulas de teoria musical e piano no Centro de Artes da UFAM como estagiária. No mesmo ano, um professor efetivo do nosso curso convidou-me para integrar o quadro de professores do Conservatório de Música da Escola Adventista, onde ele era coordenador. Fui admitida como professora de música, ministrando aulas de teoria musical, musicalização infantil e prática de piano. Em seguida, fui admitida para dar aulas de Artes e Educação Musical na Escola Adventista que ficava ao lado do conservatório. Foi um rico aprendizado, pois pude vivenciar a prática da educação em artes e música com alunos de várias faixas etárias: da pré-escola até o ensino médio. Ali, começava minha saga como professora e pude experimentar na prática o que estava aprendendo na universidade. Cada vez que entrava em sala, sentia um frio na barriga, um misto de incertezas e muita vontade de acertar.

Na Escola Adventista, lembro-me de uma experiência com aula de musicalização para uma turma de 4^a série do ensino fundamental, onde entrei em sala e todos estavam com uma flauta doce na mão, esperando a “tia Leo” para ensiná-los a tocarem. Foi um caos. Todos soprando ao mesmo tempo. O que fazer? Como dominar uma turma de crianças decididas a tirar som daquele instrumento? Foi frustrante. Não soube o que fazer e então pedi que guardassem as flautas nas mochilas. A teoria estudada na graduação nas disciplinas de

² Avenida localizada no centro de Manaus.

Psicologia da Educação e Didática Geral precisava ser aplicada na prática. Foi difícil, porém, ao final do bimestre, os alunos conseguiram tocar uma pequena melodia a duas vozes, resultado de um árduo trabalho, com muita disciplina e dedicação. Ali, aprendi na prática o tão falado “controle de classe”, extremamente cobrado de nós, professores, nas escolas.

Em 2005, passei no concurso da SEDUC e da Secretaria Municipal de Educação de Manaus (SEMED) e deixei a rede privada de ensino. Já formada e com a falsa impressão de que detinha todo o conhecimento artístico absorvido na graduação de Educação Artística, que formava professores polivalentes, deparei-me com o cotidiano da educação pública em uma escola de tempo integral de ensino médio: Escola Estadual Senador Petrônio Portella, onde lecionava Artes para todas as turmas durante o dia. No horário noturno, trabalhava na Escola Municipal Maria Rufina de Almeida, onde também ministrava a disciplina de Artes para as turmas de 5ª a 8ª séries, com um público de jovens e adultos. Até o ano de 2007, mantive essa rotina de 60 horas/aulas. Felizmente, no ano seguinte, fui cedida pela SEMED para a SEDUC e estou trabalhando como professora na Escola Petrônio Portella, onde atualmente, leciono Artes para todas as seis turmas de terceiros anos e Arte com Artes (disciplina do Novo Ensino Médio) para todas as turmas de primeiros anos.

Vivenciei muitas experiências boas e frustrantes nos meus primeiros anos de docência. No cotidiano da sala de aula, deparei-me com uma realidade tão distante dos textos e livros que estudei na graduação. Na escola de tempo integral, por exemplo, a prioridade é passar os conteúdos, pois o foco era e continua sendo inserir os alunos nas universidades, de preferência pública. A partir de 2008, começaram as avaliações externas. Uma delas, o Sistema de Avaliação do Desempenho Educacional do Amazonas (SADEAM), a cobrança por resultados só aumentou, pois os índices eram cobrados de nós, professores.

Em uma formação continuada ofertada pela SEDUC, no final de 2005, foi trabalhado o tema pedagogia de projetos. Nesta formação, elaborei como trabalho final um ensaio de projeto que intitulei, na época, de O Canto Coral na Escola. A partir deste ensaio, misturado ao meu anseio de trabalhar música na escola e minha paixão pela música, nasce o projeto Coral Uirapuru, implantado na Escola Senador Petrônio Portella e vigente até hoje.

Em 2009, submeti o projeto do coral à Fundação de Apoio à Pesquisa no Amazonas (FAPEAM), no Programa Ciência na Escola (PCE), com o título “Ensino de Canto Coral na Educação Musical de Jovens e Adolescentes na Escola”, o qual foi aprovado. No mês de outubro do mesmo ano, foi entregue o material de áudio-vídeo dos alunos em interatividade nas

aulas, ensaios, depoimentos, gravações e apresentações, como também a realização de uma apresentação final do grupo coral cantando “Amazonas Moreno”, do grupo Raízes Caboclas³, e Uirapuru, de Waldemar Henrique.

Neste projeto, vivi e continuo vivenciando experiências singulares na prática da educação musical, contribuindo para a formação musical de diversos alunos da Escola Estadual Senador Petrônio Portella. Muitos desses alunos, que participaram do projeto, tornaram-se maestros, arranjadores, músicos, cantores, compositores, dentre estes, muitos formados ou ainda em formação na UFAM e na Universidade do Estado do Amazonas (UEA).

Desde 2004, quando saí da graduação, esperava, como muitos colegas, essa oportunidade de continuar meus estudos na área de Artes na UFAM. Finalmente saiu! Compreendo que estou em processo contínuo de evolução no exercício da docência e que o ambiente dinâmico da universidade, enquanto cursei este Mestrado Profissional em Artes, me possibilitou construir os fundamentos de que necessito para melhorar a minha prática como professora de artes e de música. Reconheço ao longo da minha trajetória acadêmica a influência das vivências que tive, desde cedo na minha família, na igreja, no contexto sociocultural em que vivi e estou imersa, no sistema de ensino em que fui formada, desde o ensino primário ao universitário, na família que constitui, na formação docente oportunizada pela UFAM com a Licenciatura em Educação Artística, nos estudantes que circularam e circulam pela minha carreira, na troca de conhecimentos com os colegas docentes e técnicos no cotidiano da escola em que trabalho, porque ninguém alcança sozinho o lugar que alcancei, as experiências que vivi, o conhecimento que adquiri e construí. Significo o quanto foi e continua sendo singular a construção desta minha carreira, a qual eu considero apaixonante, de alta responsabilidade e compromisso social.

As disciplinas cursadas neste mestrado desempenharam um papel crucial na minha formação, assim como no desenvolvimento da minha pesquisa, pois tais disciplinas me proporcionaram uma base teórica, bem como me ajudaram a desenvolver uma visão crítica e analítica do campo de pesquisa.

À medida que cursava as disciplinas, tive a oportunidade de me familiarizar com diferentes perspectivas, teorias e abordagens dentro da minha área de estudo, ampliando, assim, minha compreensão e permitindo que considerasse diferentes pontos de vista ao conduzir minha

³ O Grupo Raízes Caboclas, criado nos anos 80, resgata tradições amazônicas, focando em músicas rituais indígenas como ticuna e tucano. Destaca-se pelo compromisso com a preservação cultural e tem como membros, atualmente: Júlio Lira, Osmar Oliveira, Raimundo Angulo, Eliberto Barroncas, Adalberto Holanda e Otávio Di Borba.

própria pesquisa. A exposição a diferentes linhas de pensamento também pôde inspirar novas ideias e abordagens criativas.

As aulas de Metodologia da Pesquisa com a professora Dr^a Rosemara Staub orientaram-nos com sua praticidade característica, colocando nosso “pé no chão” em relação a delimitar nosso tema da pesquisa e auxiliando, inclusive, em como fazer um roteiro de qualificação. Como não lembrar o professor Dr^o Jackson Colares e o *Mendeley*⁴, que tanto me ajudaram na organização de bibliografias e na aplicação delas nos textos e artigos? E as optativas do professor Dr^o Renato Brandão, Música, Cultura e Sociedade, e Pesquisa em Música, que me ajudaram a consolidar ainda mais meu encantamento com a nossa cultura regional, direcionando minhas pesquisas? Além das orientações competentes que recebemos dele para melhorar nossa escrita.

Não posso, de maneira alguma, deixar de citar o quanto foi importante a interação e colaboração com colegas e professores que compartilharam interesses semelhantes, cujas interações me levaram a parcerias de pesquisa, discussões intelectuais enriquecedoras e *networking* com profissionais da área. Essas conexões foram valiosas, e tenho certeza de que abriram portas para futuras colaborações e oportunidades. Um exemplo disso foi a publicação de um artigo com o professor Renato e mais três colegas produzidos, originado a partir de um trabalho na disciplina de Música, Cultura e Sociedade, aceito no “IV Simpósio Internacional Interdisciplinar em Cultura e Sociedade do PGCult e IX Semana Acadêmica do PGCult”.

Assim, embora a pesquisa seja o elemento central de um mestrado, as disciplinas oferecidas complementam e enriquecem a formação acadêmica dos estudantes. Elas contribuem para a construção de uma base sólida de conhecimento, o desenvolvimento de habilidades essenciais e o crescimento intelectual geral. Tudo isso é valioso para a realização de pesquisas de alta qualidade.

O Programa de Pós-Graduação no Ensino de Artes e Educação Musical – Mestrado da Universidade Federal do Amazonas facultou aos candidatos pesquisadores a linha de pesquisa Processos de Ensino, Aprendizagem e Criação em Artes. Por essa razão, achei oportuno resgatar o projeto Ensino de Canto Coral na Educação Musical de Jovens e Adolescentes na Escola, desenvolvido na Escola Estadual Senador Petrônio Portella, como ponto de partida para ampliar meu conhecimento sobre o ensino-aprendizagem das práticas de músicas regionais. Para tanto,

⁴*Mendeley* é um software gerenciador de referências gratuito que pode ajudar você a armazenar, organizar, anotar, compartilhar e citar referências e dados de pesquisa.

selecionamos quatro lendas do compositor paraense Waldemar Henrique, as quais serão interpretadas em formato de coro cênico e disponibilizadas em um canal no Youtube e no Instagram.

Por fim, enfatizo que foi uma experiência singular e enriquecedora contar com o Professor Doutor Hermes Coelho como meu orientador no mestrado, uma vez que ele não apenas transmitiu sua experiência acadêmica, mas também possui a mesma paixão pela regência de coro, assim como eu, que sou regente do Coral Uirapuru. Nossos interesses estão alinhados, já que compartilhamos da mesma linha de pesquisa, voltada para processos criativos. A proximidade temática entre nosso trabalho de pesquisa e suas atividades práticas enquanto maestro de coro permitiu uma troca de conhecimentos e experiências que vai além do ambiente acadêmico. A inspiração que recebo ao observar o Maestro Hermes Coelho em ação, conduzindo de forma magistral um coro, é inestimável. Essa conexão entre a teoria e a prática, somada à sua dedicação e maestria, proporciona um ambiente propício para o desenvolvimento acadêmico e artístico, alimentando meu entusiasmo e comprometimento com a pesquisa e a regência coral.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Geral

Buscar a valorização da cultura musical regional por meio do ensino de canto coral em uma escola pública de tempo integral na modalidade de ensino médio.

1.2.2 Específicos

- promover o estudo, a pesquisa e práticas de músicas regionais, especificamente, quatro lendas do compositor paraense Waldemar Henrique, voltando-se para a reflexão, interação com o meio e a construção de uma atitude pesquisadora.
- conhecer o Coral Uirapuru e sua trajetória.
- estabelecer o coro como uma ferramenta eficaz para promover convivência sólida e oferecer apoio emocional aos participantes, ultrapassando a simples prática de cantar em conjunto.

1.3 JUSTIFICATIVA

O projeto de mestrado intitulado "Coral Uirapuru e Waldemar Henrique: Ecoando a Cultura Amazônica em uma Escola Pública de Manaus/AM" é de extrema relevância por diversos motivos.

Em primeiro lugar, destaca-se a importância cultural da região amazônica e sua rica herança musical. A Amazônia é uma região única no mundo, caracterizada por sua vasta biodiversidade e pelas diversas culturas indígenas e tradicionais que coexistem nesse ambiente. O estudo e a promoção da cultura amazônica são fundamentais para preservar e valorizar as tradições locais, contribuindo para a construção de identidade e para o fortalecimento do patrimônio cultural brasileiro (Silva, 2020).

Além disso, o Coral Uirapuru e a obra do compositor Waldemar Henrique representam uma iniciativa cultural significativa dentro do contexto educacional. O coral, ao utilizar a música como ferramenta para promover convivência e oferecer apoio emocional, vai além da simples prática de cantar em conjunto. Ele se torna um meio de integração social, desenvolvimento pessoal e valorização da expressão artística, proporcionando uma experiência enriquecedora para os participantes.

A escolha do compositor Waldemar Henrique como foco do estudo acrescenta outra camada de importância. Ele é uma figura central na música amazônica, destacando-se por sua habilidade em fundir elementos eruditos e populares, criando uma obra que reflete a autenticidade e a diversidade da região. Analisar sua contribuição para a música é mergulhar na riqueza cultural amazônica e compreender como essa influência pode ser transmitida e apreciada no contexto educacional (Gama, 2022).

Durante os 17 anos de condução do Coral Uirapuru, foi observado um cenário em que a apreciação pela cultura musical regional entre os estudantes se mostrou desafiadora. Em sua maioria, os alunos não demonstram um interesse marcado pela riqueza da música local, optando, em vez disso, por manifestações musicais mais difundidas midiaticamente e de origem internacional. Este contexto reflete a influência predominante da cultura globalizada, veiculada pelos meios de comunicação e pela indústria do entretenimento, sobre as preferências musicais dos estudantes. Este fenômeno levanta questões sobre a necessidade de estratégias educacionais que ressaltem e valorizem a diversidade cultural regional, uma missão crucial que o Coral Uirapuru busca abordar ao longo de sua trajetória.

Em um contexto cultural, a Amazônia é uma região que desempenha um papel crucial na diversidade cultural brasileira. Suas tradições, lendas, ritmos e manifestações artísticas são tesouros culturais que, muitas vezes, carecem de visibilidade e valorização. Ao destacar a cultura amazônica por meio da música de Waldemar Henrique, a dissertação busca preservar e divulgar esse patrimônio, contribuindo para uma compreensão mais profunda e apreciação das riquezas culturais da região (Alves, 2018).

Portanto, a decisão de conduzir a pesquisa, estudo e apresentação das quatro lendas do compositor Waldemar Henrique, a saber: "Foi Bôto sinhá", "Tamba-Tajá", "Uirapuru" e "Cobra Grande" em formato de coro cênico com gravação disponibilizada no Youtube e Instagram, reflete um compromisso intrínseco com a preservação e promoção da cultura musical amazônica. Essas lendas, ricas em narrativas que ecoam as tradições e mitos da região, são tesouros do folclore amazônico e carregam consigo a essência da identidade cultural local.

Em síntese, a escolha de apresentar as lendas de Waldemar Henrique por meio de um coro cênico e compartilhar a performance em plataformas digitais como o Youtube e Instagram representa uma iniciativa inovadora para conectar as tradições culturais amazônicas com a contemporaneidade. Essa abordagem não apenas preserva a riqueza musical regional, mas também amplia o alcance, contribuindo para a valorização e continuidade da cultura local. O canal digital serve como uma ponte entre o tradicional e o contemporâneo, permitindo que as histórias atemporais de Waldemar Henrique alcancem audiências diversas, contribuindo assim para a difusão e perpetuação da rica herança cultural amazônica.

1.4 REFERENCIAL TEÓRICO

Segundo Pereira (2014, p.85), “a música atende a diferentes aspectos do desenvolvimento humano, tais como o físico, mental, social, emocional e espiritual”. Logo, os valores atribuídos à educação musical transitam entre valores intrínsecos e extrínsecos à música.

A partir de meados dos anos 20, educadores musicais como Zoltan Kodály, Emile Jaques Dalcroze e Carl Orff passaram a perseguir uma educação musical que privilegiasse a música como uma linguagem artística plena de possibilidades expressivas e capazes de influir positivamente no desenvolvimento estético e intelectual dos alunos (Teixeira, 2009). Para esses educadores musicais, o aprendizado e o domínio da linguagem musical deveriam partir de experiências concretas dos alunos com os fenômenos sonoros, a fim de que esses pudessem ser mais bem apreciados e enriquecidos de novas significações. Somente então, os alunos teriam

contato com a teoria e a gramática musical. Essas ideias sobre educação musical foram fortemente influenciadas pelos preceitos escolanovistas, sobretudo pelo pensamento do educador americano John Dewey, cuja teoria colocava o estudante como centro do processo de ensino, atendendo suas necessidades e interesses (Vieira, 2021).

A teoria do educador musical Zoltan Kodály buscava a edificação de um sistema de educação musical amplo e acessível a todos. Ele desejava criar um sistema educacional em que as pessoas aprendessem música como qualquer outro aspecto a ser desenvolvido no ser humano, visando a sua formação integral. Segundo Monti (2011, p. 9), “um desdobramento natural da pesquisa do educador húngaro foi a utilização da música nacional, principalmente a folclórica, na sua produção didática, onde criou um sistema de educação musical que faz uso de canções populares como base”.

Da mesma forma, Villa-Lobos (1887-1959) considerava que a música precisava ser acessível a todos na escola, e assim foi instituída a obrigatoriedade do ensino de canto orfeônico nas instituições de ensino da educação básica em todo território nacional por volta de 1932, contribuindo para transformar a escola em um espaço de formação de um público sensibilizado às manifestações artísticas e valorização da cultura (Amato, 2008). Desse modo, Villa-Lobos “participou ativamente do projeto de desenvolvimento do canto orfeônico que tinha como objetivo principal contribuir com o desenvolvimento artístico da criança e produzir adultos musicalmente alfabetizados” (Goldemberg, 1995, p.103).

Assim, tanto Kodály como Villa-Lobos acreditavam que, através da música desenvolver-se-ia a habilidade de pensar logicamente e planejar as suas ações, possibilitando a sobrevivência do homem em um mundo hostil; entretanto, é a aspiração por algo mais do que a mera existência que possibilita chamá-lo de ser humano. A música e as artes em geral são manifestações significantes da necessidade que temos por algo mais que o simples existir biológico.

Segundo Penna (2008, p.38), “a escola atua sobre experiências culturais já presentes, trazidas pelos alunos de sua vivência familiar e cotidiana”. Desde os gregos que deram à música o seu valor devido, considerando-a um fator essencial na formação do ser humano, os educadores musicais buscam através do ensino de música, a formação integral do estudante.

Dessa forma, o trabalho educacional em música, em especial o canto, tem como intenção ensinar a apreciar, compreender e criticar de forma discriminada os produtos da mente, da voz e do corpo que dão dignidade ao homem e lhe exaltam o espírito.

A pesquisa foi desenvolvida em uma escola pública de tempo integral na cidade de Manaus/AM. Desse modo, é importante falar um pouco sobre o formato de ensino de tempo integral, pois a escola de tempo integral desempenha um papel muito importante no sistema educacional do Amazonas, oferecendo uma abordagem pedagógica abrangente que vai além do currículo acadêmico tradicional. Tem como objetivo proporcionar aos estudantes um ambiente de aprendizado enriquecido, no qual eles podem desenvolver habilidades acadêmicas, sociais e emocionais de forma mais completa. Assim, a escola de tempo integral propicia ambiente favorável a esse trabalho de educação musical, pois “uma proposta de Educação Integral, de acordo com o Ministério de Educação e Cultura (MEC), pressupõe políticas integradas que considerem, além da educação, outras demandas dos sujeitos, articuladas entre os campos da educação, do desenvolvimento social, da saúde, do esporte, da inclusão digital e da cultura” (Lourenço, 2015, p.44). A Escola Estadual Senador Petrônio Portella foi uma das pioneiras neste novo formato de ensino. Conforme Silva e Mourão (2021, p.9), “a política de tempo integral nasce com o Projeto Experimental de Tempo Integral, que passa a funcionar, em 2002, nas Escolas Petrônio Portela e Marcantonio Vilaça I, durante o Governo Amazonino Mendes (1999-2002)”.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento que estabelece os conhecimentos, competências e habilidades essenciais que todos os estudantes brasileiros têm o direito de desenvolver ao longo da Educação Básica (Da Silva; Santos, 2018).

De acordo com a BNCC, o ensino de música deve possibilitar a formação integral dos estudantes, proporcionando o desenvolvimento de competências e habilidades em diferentes dimensões da linguagem musical. Essas dimensões incluem a apreciação musical, a execução e o canto, a percepção e a criação musicais, além do conhecimento da história e da diversidade cultural da música brasileira e mundial. Desse modo,

O trabalho com a Arte no Ensino Médio deve promover o entrelaçamento de culturas e saberes, possibilitando aos estudantes o acesso e a interação com as distintas manifestações culturais populares presentes na sua comunidade. O mesmo deve ocorrer com outras manifestações presentes nos centros culturais, museus e outros espaços, de modo a propiciar o exercício da crítica, da apreciação e da fruição de exposições, concertos, apresentações musicais e de dança, filmes, peças de teatro, poemas e obras literárias, entre outros, garantindo o respeito e a valorização das diversas culturas presentes na formação da sociedade brasileira, especialmente as de matrizes indígenas e africanas. Nesse sentido, é fundamental que os estudantes possam assumir o papel de protagonistas como apreciadores e como artistas, criadores e curadores, de modo consciente, ético, crítico e autônomo, em saraus, performances, intervenções, happenings, produções em videoarte, animações, web arte e outras manifestações e/ou eventos artísticos e culturais, a ser realizados na escola e em outros locais (Brasil, 2018, p.483).

Em síntese, a BNCC sugere que o ensino de música deve ser pautado pela experimentação e pela prática musical, estimulando a participação ativa dos estudantes e o trabalho colaborativo em atividades musicais. Além disso, o documento destaca a importância de garantir o acesso a uma diversidade de repertórios musicais, respeitando a pluralidade cultural do país e valorizando a música brasileira em suas diferentes manifestações regionais. (Brasil, Ministério da Educação, 2018).

Assim, dentro da visão da BNCC, o desenvolvimento da pesquisa buscará o protagonismo dos estudantes participantes do projeto, valorizando os processos de criação, desde a pesquisa, produção dos textos e do produto final. Essas etapas serão mediadas pela professora por meio de conversas e reflexões, construindo nos alunos estímulos para que cada um possa explorar o seu próprio caminho.

A valorização da cultura é um tema de grande importância para a sociedade, pois envolve o reconhecimento, preservação e promoção das expressões culturais de um povo ou comunidade. A cultura é um elemento primordial na construção da identidade de um grupo, refletindo seus valores, crenças, tradições, língua, arte, música, dança e costumes (Santos, 2006).

Existem várias razões pelas quais a valorização da cultura é essencial. São elas:

Preservação da identidade: Cada cultura é única e carrega consigo a história e a sabedoria acumulada ao longo das gerações. Valorizar a cultura é proteger essa identidade e garantir que ela não se perca no tempo.

Respeito à diversidade: O mundo é composto por uma grande diversidade de culturas, e todas têm o seu valor. A valorização da cultura contribui para o respeito e a compreensão mútua entre diferentes povos e etnias.

Autoestima e bem-estar: A valorização da cultura pode fortalecer a autoestima das pessoas e proporcionar um senso de pertencimento, contribuindo para o bem-estar emocional e mental da comunidade.

Educação e conhecimento: A cultura é uma rica fonte de conhecimento. Ao valorizá-la, estamos incentivando o aprendizado sobre o passado e o presente, estimulando a curiosidade e o interesse pela história e tradições de uma comunidade (Santos, 2006).

Resistência à globalização homogeneizadora: Em um mundo cada vez mais globalizado, a valorização da cultura é uma forma de resistência à homogeneização cultural, preservando as

particularidades locais e regionais. Afinal, neste mundo globalizado “é comum que a nossa cultura esteja em risco diante de manifestações artísticas e culturais de lugares hegemônicos, que querem tomar o nosso espaço e a nossa identidade enquanto cidadãos” (Sociedade Artística Brasileira, 2018).

A valorização da cultura é uma jornada contínua e um esforço coletivo, sendo fundamental para construir sociedades mais inclusivas, que reconheçam e celebrem a diversidade humana em todas as suas manifestações culturais. Nessa busca incessante pela valorização cultural, encontramos não apenas a preservação do passado, mas também a construção de um futuro mais rico em diversidade e compreensão mútua.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 LOCUS DA PESQUISA

A pesquisa ocorreu na Escola Estadual Senador Petrônio Portella, situada na Av. Bartolomeu Bueno da Silva, S/N, no bairro Dom Pedro, zona centro-oeste de Manaus. Inaugurada em 05 de março de 1982 por meio do Decreto nº 068/82 do CEE-AM e do Ato de Criação nº 6179 de 05/03/1982, a escola atendia, à época, de 5ª a 8ª séries ao segundo grau.

Em 1989, a instituição iniciou a oferta das primeiras turmas do Segundo Grau Profissionalizante com habilitações em Eletrônica, Eletrotécnica e Mecânica de Máquinas e Motores, ministrados até 1999. O curso de Enfermagem esteve em funcionamento de 1982 a 1997, ano em que a escola passou por reformas e ampliações. Em 1988, a escola foi reinaugurada com a presença do Excelentíssimo Senhor Governador Amazonino Mendes e o Senhor Secretário Darcy Humberto Michilles.

No ano de 1999, o antigo Segundo Grau mudou de nomenclatura para Ensino Médio. No mesmo ano, a escola passou a desenvolver o Pós-Médio para atender concluintes do Ensino Médio.

No ano de 2001, a escola passou a oferecer exclusivamente o Ensino Médio em tempo integral. De 2011 a 2014, a escola funcionou no Centro de Educação Integral (CETI) Áurea Pinheiro Braga, localizado na Avenida Brasil, ao lado da Sede do Governo do Estado, no bairro da Compensa III. Essa mudança ocorreu para que o prédio da Escola fosse reformado.

No dia 09 de fevereiro de 2015, a escola voltou a funcionar no bairro Dom Pedro, já devidamente reestruturada e foi reinaugurada no dia 14 de setembro de 2015.

Em 10 de outubro de 2016, a escola passou a fazer parte do Programa Nacional de Fomento às Escolas de Tempo Integral (PROETI).

Em 2022, a escola iniciou o Ciclo do Novo Ensino Médio para a 1ª série do Ensino Médio.

Em 2023, a escola iniciou o Ciclo do Novo Ensino Médio para a 2ª série do Ensino Médio, e Curso Técnico de Informática com duas turmas.

Atualmente, estão matriculados 724 alunos. O corpo docente é composto por 49 professores. A escola tem 39 dependências, incluindo 18 salas de aulas, um auditório com capacidade para 350 pessoas, dois laboratórios de Ciências, um laboratório de Informática, uma sala de música, uma sala de dança, refeitório, quadra coberta e piscina, totalizando uma área construída de 4,500m². A gestora da escola atualmente é a professora Sandra Maria de Souza Tavares.

2.2 METODOLOGIA

O processo de elaboração deste trabalho fundamentou-se no método de pesquisa-ação, que exigiu a participação ativa da pesquisadora e dos alunos envolvidos. Ele resultou da análise de um problema efetivo que foi identificado por meio de uma ação: o trabalho educacional em música, especificamente através do ensino de canto coral para jovens e adolescentes em uma escola de tempo integral. Nesta instituição, o ensino de música e a prática de canto deveriam ser de suma importância, não apenas para a formação musical do coro, mas também para a formação integral dos alunos e a mudança de atitudes em relação à valorização da cultura amazônica.

Assim, o método de pesquisa-ação adotado neste trabalho representa uma abordagem participativa e dinâmica, centrada na interação entre a pesquisadora e os participantes, neste caso, os alunos envolvidos no ensino de canto coral em uma escola de tempo integral. A pesquisa-ação busca superar a tradicional separação entre pesquisadores e participantes, envolvendo-os de maneira ativa e colaborativa no processo de investigação (Tripp, 2005).

O método da pesquisa-ação representa uma abordagem dinâmica e participativa, enfatizando a interconexão entre teoria e prática. Ao adotar esse enfoque, os pesquisadores não apenas buscam compreender profundamente o problema investigado, mas também se engajam ativamente na implementação de ações para encontrar soluções concretas (Thiollent, 2011). A pesquisadora não é uma observadora distante, mas uma participante empenhada no contexto da pesquisa, trabalhando lado a lado com os alunos para compreender, intervir e transformar a realidade. Assim, devido à sua natureza participativa, Gularte (2022, p. 40) afirma que "a pesquisa-ação está preocupada com a resolução de um problema coletivo, no qual o pesquisador e os demais participantes contribuem para a transformação e mudança de pensamentos, realizando muitas reflexões."

Essa metodologia não apenas busca gerar conhecimento, mas também propõe mudanças práticas e impacto tangível no ambiente estudado. No contexto específico do ensino de canto coral, a pesquisa-ação permite que os alunos não sejam apenas receptores passivos, mas cocriadores ativos de sua experiência educacional, incentivando o empoderamento, a expressão criativa e a valorização da cultura local (Barros; Penna, 2022).

2.3 ETAPAS DO PROCESSO DE CRIAÇÃO

Etapa 1

O trabalho foi desenvolvido na Escola Estadual Senador Petrônio Portella, uma escola de tempo integral e com alunos das três séries do ensino médio. Na segunda semana de aula foi feita uma apresentação do coral (formados por veteranos) como forma de acolhida aos novos alunos. Durante a apresentação, três ex-coristas compartilharam seus depoimentos, falando sobre o tempo que estiveram no projeto e como isso foi importante em suas vidas.



Figura 1- Depoimentos de ex-coristas. Fonte: Acervo do autor, 2023.

Neste evento foi aberta as inscrições para os alunos que gostariam de candidatar-se ao coral. Durante a semana, os coristas veteranos recebem as inscrições dos candidatos no pátio da cantina, no intervalo do almoço.

Etapa 2

No segundo momento, foi feita a seleção dos integrantes do coral, com a realização de audições e os testes vocais para verificar a qual naipes cada aluno pertencia. Após o término das audições, o resultado, com a lista dos alunos aprovados, foi divulgado no painel central da escola e no Instagram da instituição. Essa etapa durou duas semanas.

Etapa 3

Realizou-se uma reunião para apresentar os objetivos e a metodologia do projeto do coral, bem como os registros fotográficos e vídeos das formações anteriores. Durante esse encontro, foram explicados os objetivos do projeto de mestrado, a forma como seria desenvolvido e qual seria o papel dos integrantes do coral nesse processo.

Etapa 4

A partir desse momento, ocorreram aulas/encontros semanais, de segunda a sexta-feira, nos intervalos do almoço, com duração de 45 a 50 minutos, destinados ao desenvolvimento das seguintes atividades:

- Aulas de teoria musical, leitura rítmica e solfejo;
- Aulas de técnica vocal com exercícios de relaxamento, de respiração e execução de vocalizes, visando o conhecimento da voz como elemento capaz de proporcionar interpretações no âmbito da música, como também as técnicas necessárias para sua utilização;



Figura 2- Aulas de teoria musical e estudo de partituras. Fonte: Acervo do autor, 2023.

- Exercícios de vozes e ensaios das músicas, visando alcançar progressivo desenvolvimento musical para as apresentações, com o propósito de utilizar nos processos de interpretação dos repertórios escolhidos, incentivando cada aluno a respeitar o desempenho dos colegas.

Etapa 5

- Pesquisa e estudos sobre repertórios, desde sua origem, reflexões sobre conceitos musicais e éticos, até apreciação deles, envolvendo a identificação, investigação e organização de informações sobre os diversos repertórios de música coral em todos os estilos. Este processo é participativo, contando com a orientação da professora-regente, e visa promover a reflexão, a interação com o meio e a construção de uma atitude pesquisadora. Além disso, foram realizadas rodas de conversa para enriquecer o compartilhamento de ideias e experiências;
- Apresentações atendendo às solicitações da própria escola e da comunidade amazonense, com o objetivo de desenvolver a autoestima e divulgação do trabalho desenvolvido, cantando músicas do próprio meio sociocultural, nacional e, principalmente, regional, buscando, assim, ecoar a valorização da cultura amazônica, uma das mais ricas do mundo, por onde quer que seja;



Figura 3 e 4- Apresentação na UFAM e Apresentação no Evento em Homenagem às Mulheres na Escola, respectivamente. Fonte: Acervo do autor, 2023.

- Apresentação de um seminário intitulado "Narrativas de Lendas Amazônicas" ocorreu em 10 de julho de 2023 no auditório da escola, destinado a todas as turmas da 2ª série. O seminário abordou o compositor paraense Waldemar Henrique e quatro lendas amazônicas presentes em seu repertório, a saber: "Foi Boto Sinhá," "Tambatajá," "Uirapuru," e "Cobra Grande". O evento incluiu a explanação da biografia do compositor, as narrativas dessas lendas

e a apresentação das músicas correspondentes. Este seminário desempenhou o papel de um ensaio para o nosso produto final, proporcionando uma oportunidade valiosa para a preparação e aprimoramento das apresentações futuras;



Figura 5- Capa da Chamada de vídeo para o Seminário das Lendas Amazônicas. Fonte: Acervo do autor, 2023.

- Fizemos uma reunião para avaliar o seminário realizado e anotamos as ideias para o produto final;



Figura 6- Reunião para traçar metas para o produto final. Fonte: Acervo do autor, 2023.

- Intensificamos os ensaios das quatro músicas para a realização do vídeo, onde os coristas deveriam decorar todas elas. As partituras editadas encontram-se no Apêndice B.

Etapa 6

- A concretização da proposta do produto final consistiu na produção de um vídeo, no qual as quatro lendas do compositor Waldemar Henrique foram interpretadas em formato de coro cênico. Este vídeo está compartilhado no

YouTube e Instagram para promover a cultura amazônica globalmente, ser acessível a diversos públicos, fomentar o compartilhamento e engajamento nas redes sociais, contribuir para a preservação cultural e aumentar a conscientização e educação sobre essa rica herança.

- Os trabalhos foram iniciados com a divisão de tarefas, abrangendo desde a concepção do roteiro (APÊNDICE A), a elaboração de cenários e figurinos, a distribuição de personagens, até os ensaios. Todo esse processo culminou na criação de um vídeo, o qual será compartilhado no Instagram e YouTube, conforme mencionado anteriormente. Para acessar o vídeo, é necessário utilizar as plataformas do Coral Uirapuru mencionadas ou pelo QR Code 1 para Instagram e para o Youtube QR Code 2 (APÊNDICE C).



Figura 7- Confecção da Cobra Grande.
Fonte: Acervo do autor, 2023.



Figura 8- Preparação do personagem (índio Macuxi).
Fonte: Acervo do autor, 2023.



Figura 9- Ensaio Geral da interpretação de Tamba-Tajá.
Fonte: Acervo do autor, 2023.

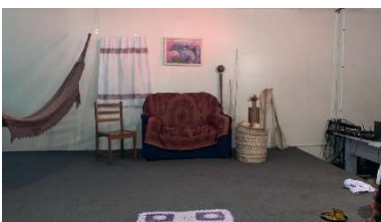


Figura 10- Cenário da Casa dos Avós.
Fonte: Acervo do autor, 2023.



Figura 11- Cenário da Floresta.
Fonte: Acervo do autor, 2023.



Figura 12- Detalhe da interpretação da Lenda do Boto.
Fonte: Acervo do autor, 2023.



Figura 13- Interpretação da Música Cobra Grande.
Fonte: Acervo do autor, 2023.



Figura 14- Interpretação da Música Uirapuru.
Fonte: Acervo do autor, 2023.



Figura 15- Meninas com a Cobra Grande.
Fonte: Acervo do autor, 2023.



Figura 16- Meninos com a Cobra Grande.
Fonte: Acervo do autor, 2023.

Iremos detalhar um pouco mais a construção do produto final: "As Lendas de Waldemar Henrique" em formato de coro cênico. Buscamos, primeiramente, entender o que seria um coro cênico.

O coro cênico é uma manifestação artística que combina elementos do canto coral com encenação teatral. Nesse formato, o coro não se limita apenas à execução musical, mas também incorpora elementos dramáticos, coreográficos e cênicos para transmitir uma narrativa visualmente impactante.

Diferentemente de um coro tradicional, cujo foco principal é a qualidade musical, no coro cênico as fronteiras são ampliadas ao agregar dimensões visuais à apresentação. Os coristas não apenas cantam, mas também desempenham papéis, movem-se no espaço cênico e participam de encenações elaboradas, transformando o desempenho em uma experiência mais envolvente e teatral. Segundo Patrícia Costa (2009, p. 64), “a expressão cênica pode ser um excelente recurso para gerar ou manter o entusiasmo dos cantores em geral, e dos cantores jovens, particularmente.” Dessa forma, a combinação de elementos cênicos e corais não apenas enriquece artisticamente a performance, mas também motiva os membros do coro, proporcionando uma experiência mais envolvente e memorável ao público.

O objetivo é comunicar a mensagem não apenas através da música, mas também por meio da expressão facial, gestos, movimentos e interação entre os coralistas. Essa abordagem multifacetada amplia as possibilidades artísticas e emocionais, proporcionando uma experiência única para o público (Rodrigues, 2022).

Em resumo, o coro cênico representa uma fusão criativa entre música e teatro, ampliando as fronteiras do tradicional coro para oferecer ao público uma experiência artística mais rica e imersiva.

Iremos detalhar a seguir o desenvolvimento do nosso produto final:

O roteiro narra as quatro lendas folclóricas amazônicas - a do Boto, do Uirapuru e da Cobra Grande (Boiúna) e do Tambatajá. Os personagens são uma família reunida em Caapiranga, compartilhando experiências e histórias. A avó, Maria Teresa, relata suas vivências e lendas amazônicas aos netos. Cada lenda é apresentada em um contexto específico:

Lenda do Boto: Durante as férias, os netos chegam de Manaus, e o avô adverte sobre o encantamento do boto. Maria Tereza compartilha a história de sua amiga Josi, que foi seduzida pelo boto. Mais tarde, em uma festa ribeirinha ao som do Forró Amazonense de Teixeira de Manaus, a narrativa se transforma em cena quando o boto aparece, iniciando uma dança que hipnotiza as moças presentes. Escolhe uma parceira, e juntos desaparecem na escuridão. O coral, então, interpreta “Foi Boto Sinhá”, uma canção que reflete o mistério e encanto associados ao boto, simbolizado pela dança e fascínio que exerce sobre as moças.

A cena retorna para a casa dos avós com a lenda do Uirapuru. A família decide ir pescar, e Maria Tereza não gosta do companheiro de pesca do marido, o caboclo falador que afirma ter capturado o uirapuru. Maria Tereza então conta a história do uirapuru, o pássaro encantado. Em seguida, ocorre a cena da ida à pescaria, onde, na canoa, o caboclo falador conta vantagens. Todos se incomodam com a falação dele e cantam "Uirapuru".

A narrativa dos avós continua. Após a pescaria, a família se prepara para ir a Anori, e Maria Tereza alerta sobre a Cobra Grande. A avó conta a lenda, enquanto o avô pede para os meninos cuidarem das meninas durante a viagem, já que aquela noite era a noite da Boiúna. Em uma canoa, todos se dirigem para a festa do açaí em Anori. Enquanto conversam, ouvem o barulho da Cobra Grande, gerando temor entre eles. A cobra aparece no palco, e todos reagem cantando sobre a chegada dela. Os meninos alertam as meninas para se esconderem, enquanto todos oram para evitar serem pegos pela cobra. A Cobra Grande passa pelo palco, causando medo e tremores na floresta. Ao desaparecer, uma das meninas (Ana) encantada se aproxima da cobra e é envolvida por ela, levando todos a gritarem. A cobra some na escuridão, deixando um clima de apreensão.

Por fim, Maria Teresa compartilha com seus netos a última lenda, a do Tambatajá. A história conta sobre um índio Macuxi que, ao perder sua esposa, a enterra junto a ele. Posteriormente, surge uma planta especial, o Tambatajá, representando o amor duradouro do casal. As meninas, cansadas da festa, se encantam com a narrativa. O clima descontraído e a conexão com as tradições folclóricas enriquecem a experiência das netas. No palco, a

apresentação da música "Tambatajá" destaca o encontro sinuoso dos casais, com o casal macuxi representando o início da história. À medida que a trama se desenvolve, a índia adoece, morre, e o índio a carrega nas costas. Após uma cena de luto, ele a coloca no palco, simbolizando a morte. Em um gesto de renascimento simbólico, todos se agacham, formando uma "planta" com pétalas do Tambatajá, enquanto o casal de índios ergue as folhas, marcando um novo ciclo de vida.

O roteiro combina elementos folclóricos, experiências familiares e o ambiente amazônico para criar uma narrativa envolvente e educativa. As lendas são entrelaçadas com o cotidiano da família, proporcionando uma experiência cultural rica.

Os elementos instrumentais no vídeo foram cuidadosamente escolhidos para enriquecer a experiência auditiva. Utilizamos instrumentos tradicionais da região amazônica, como o tambor de tubo e o pau-de-chuva, com o objetivo de criar uma atmosfera autenticamente amazônica. Além desses dois instrumentos amazônicos, incluímos o Cajon⁵. Essa escolha não apenas adicionou uma dimensão sonora única às interpretações das lendas de Waldemar Henrique, mas também reforçou o compromisso do projeto com a preservação e celebração das raízes culturais da Amazônia.

2.3 EXPLORANDO AS RAÍZES: A Origem da Pesquisa e a Relevância de Investigar as Quatro Lendas do Compositor Paraense Waldemar Henrique

Ao longo destes 17 anos à frente do projeto, identificou-se que a maioria dos estudantes não valoriza a cultura musical regional; em contrapartida, têm preferência por músicas midiáticas e internacionais.

Uma das razões para isso seria a influência da cultura dominante, pois os alunos são expostos a essa cultura, amplamente promovida pelos meios de comunicação, pela indústria do entretenimento e pelo ambiente social. Isso pode levar a uma tendência de valorizar mais a cultura dominante em detrimento de suas próprias raízes culturais. Para conhecer um livro, precisamos lê-lo; para conhecer um caminho, precisamos andar nele; para conhecer uma cultura, precisamos vivenciá-la. Sendo assim, para buscar a valorização da cultura musical regional, iremos proporcionar aos estudantes o estudo, pesquisa e práticas de músicas regionais

⁵ O Cajon, instrumento percussivo, teve origens na adaptação de caixas de alimentos pelos escravizados africanos no Peru colonial. Reconhecido como "Patrimônio Cultural da Nação", preservou a cultura afro-peruana.

do compositor Waldemar Henrique, um dos maiores incentivadores da cultura amazônica, do qual teceremos abaixo uma breve biografia.

Waldemar Henrique da Costa Pereira nasceu na cidade de Belém, estado do Pará, no dia 15 de fevereiro de 1905. Sua mãe, Joana da Costa Pereira, era de origem indígena e morreu quando Waldemar Henrique tinha um ano de idade, tendo sido ele criado por sua tia, Estefânia Rosa da Costa, que se casou com seu pai, Thiago Joaquim Pereira, português. Sua infância foi vivida na cidade do Porto, em Portugal.

Waldemar Henrique possuía sérios problemas de vista, que foram descobertos aos seis anos de idade, enquanto estudava em uma escola em Portugal. Apesar disso, dedicou-se ao estudo de piano e teoria musical, compondo em estilo erudito. Retornou a Belém em 1918 e ingressou no Conservatório Carlos Gomes em 1929 (Barros, 2005).

Apesar dos desafios relacionados à sua visão prejudicada, Waldemar Henrique encontrou sustento em sua música, que foi calorosamente recebida pelo público. Sua contribuição musical transcendeu os obstáculos, resultando em mais de 150 composições, incluindo peças para piano, coro, orquestra, e trilhas sonoras para teatro e cinema. O cerne de suas criações mergulha nas riquezas culturais do folclore amazônico, das tradições indígenas, nordestinas e afro-brasileiras. Santos (2009, p.12) destaca que "as fontes folclóricas que serviram de inspiração a Waldemar Henrique eram transformadas em seu repertório composicional e obtidas de materiais originais, oriundos de suas experiências e vivências folclóricas." Essa abordagem única revela não apenas sua maestria musical, mas também sua capacidade singular de reinterpretar e enriquecer as tradições folclóricas, tornando-as imortais em suas composições.

Como não escolher Waldemar Henrique? Ele uniu a técnica ao sentimento popular, o que resultou em uma música genuinamente brasileira e essencialmente amazônica. O compositor foi, sem dúvida, um folclorista musical erudito, transcendendo as fronteiras entre diferentes formas de expressão musical. As ideias de Mário de Andrade sobre a canção erudita "nacional" desempenharam um papel crucial na orientação artística de Waldemar Henrique. Esse contexto cultural e intelectual contribuiu para a construção de uma obra que ressoa autenticidade e identidade regional na música brasileira. Como escreve Barros:

O que concluímos é que Mário de Andrade teve, sim, uma grande influência na obra do compositor no que diz respeito à utilização de temas folclóricos para harmonização, mas isto, principalmente, no que diz respeito a temas provenientes de outras regiões que não a amazônica. Compor utilizando o folclore amazônico, nos parece, era intuitivo e decorrente da origem de Waldemar Henrique, anterior ao seu encontro com Mário. O folclore amazônico para Waldemar Henrique, antes de ser um ideal nacionalista, era uma grande fonte de inspiração. (Barros, 2005, p.15)

Em suma, a escolha de Waldemar Henrique como objeto de estudo revela-se não apenas como um reflexo da influência das ideias de Mário de Andrade, mas como um mergulho profundo na identidade cultural e musical amazônica. A habilidosa fusão entre técnica e sentimento popular resultou em uma música autêntica e exclusivamente brasileira, que permanece como um testemunho genuíno da riqueza cultural amazônica na música brasileira (Alves, 2018).

“Um dos aspectos mais interessantes da obra do compositor é conseguir que sua música se posicione em delicado equilíbrio entre a música erudita, popular e folclórica” (Santos, 2009, p.06). Essa fusão harmoniosa proporciona uma experiência auditiva que ressoa não apenas com a profundidade da erudição musical, mas também com as raízes autênticas das tradições culturais do Brasil, especialmente da região amazônica. Dessa forma, Waldemar Henrique se destaca como um artista singular que transcende categorias convencionais, deixando um legado musical que continua a ecoar nas paisagens sonoras do país.

Waldemar Henrique tinha um carinho profundo por sua terra natal, e essa conexão pessoal, somada à sua educação acadêmica, o motivou a criar músicas inspiradas na cultura amazônica. Mais da metade de suas músicas reflete essa dedicação à região amazônica, revelando o quanto ele estava envolvido com as histórias e tradições locais. Segundo Gama (2023, p.17) “a maneira como Waldemar explora sonora e harmonicamente o mistério e o suspense presente nos contos da região, destaca sua obra de qualquer outra composição com o mesmo tema”. Assim, suas composições tornaram-se verdadeiros retratos sonoros da Amazônia, transmitindo não apenas sua habilidade musical, mas também a riqueza e a vitalidade dessa região única. Waldemar Henrique morre em 1995, aos 90 anos. No entanto seu legado permanece vivo nas melodias que ecoam as paisagens sonoras do Brasil.

Por isso, conduzimos a pesquisa, estudo e apresentação de quatro lendas do repertório do compositor, que serão apresentadas em formato de coro cênico. A performance final será compartilhada por meio de um canal no Youtube e Instagram, conforme detalhamos anteriormente.

2.5 NOTAS DE UMA HISTÓRIA: A Trajetória do Coral Uirapuru

A história do Coral Uirapuru teve início durante a minha participação em uma formação da SEDUC, onde, em fevereiro de 2006, fui desafiada a criar um projeto para implementação

na escola como tarefa final da formação. Após retornar à escola, aprimorei a ideia original e desenvolvi o Projeto de Canto Coral em uma Escola de Tempo Integral.

Durante as aulas de artes, apresentei aos alunos a proposta do projeto e convidei aqueles interessados a participarem. Na ocasião, expliquei o objetivo geral do projeto e detalhei seu desenvolvimento, desde a criação do nome do coral até a estrutura das aulas. Apesar de ter apresentado a proposta para 18 turmas, cada uma com no mínimo 40 alunos, apenas nove estudantes demonstraram interesse. No entanto, com esse pequeno grupo, dei início ao desenvolvimento do projeto, cujo foco principal era a valorização da nossa música regional. Dedicamo-nos a estudar não apenas o contexto histórico e social, mas também os compositores e as músicas que compõem nossa rica herança musical.

Dessa forma, iniciamos os ensaios aproximadamente no início do mês de abril, com o objetivo de nos prepararmos para nossa estreia em uma Sexta Cultural mensal da escola, que acontecia geralmente na última sexta-feira. Durante o evento, apresentamos de forma vibrante as canções "Amazonas Moreno" do grupo Raízes Caboclas, representando a riqueza da região amazônica, e "Foi Boto Sinhá!" do ilustre compositor paraense Waldemar Henrique, que poeticamente narrava a lenda amazônica do Boto. Os alunos da época gostaram tanto que até criaram uma coreografia da música "Foi Boto Sinhá".

Após essa apresentação, vários alunos demonstraram interesse em participar do projeto, marcando o nascimento do Coral Uirapuru. O grupo coral surgiu impulsionado pela paixão pela música e recebeu o nome de um pássaro amazônico, o Uirapuru. Reconhecido por suas melodias encantadoras que preenchem a floresta com acordes de rara beleza, o Uirapuru emprestou sua inspiração ao coral. Similar ao encanto que o pássaro exerce sobre outros com seu canto, o coral irradiava a alegria da música e a paixão pela arte, iniciando assim uma história marcante e inspiradora.

Ao longo dos anos, aproximadamente 250 alunos de ambos os sexos, com idades entre 13 e 18 anos, participaram do projeto com o objetivo de fortalecer a educação musical mediante uma abordagem aprimorada no ensino do canto coral, destacando a importância de incorporar elementos socioculturais relevantes. Essa iniciativa visa não apenas aperfeiçoar as habilidades musicais dos estudantes, mas também promover uma compreensão mais profunda e enriquecedora da música dentro do contexto social e cultural em que estão inseridos. Assim, entende-se que a música é uma importante linguagem pela qual os indivíduos se relacionam nos meios sociais em que vivem, seja através das suas experiências como ouvintes ou como

criadores. Ao permitir-se entender e buscar significados através da música, as pessoas criam caminhos propícios ao seu desenvolvimento sociocultural (Gama, 2023).

2.5.1 Entre Palcos e Parcerias: Experiências e Aprendizados Artísticos

Destaco, neste contexto, momentos marcantes ao longo dos 17 anos de atividades do coral, abrangendo conquistas, desafios e evolução. Esses registros contribuem para a preservação da memória e tradição do grupo, oferecendo uma visão completa de sua jornada desde o início.

Em 29 de junho de 2006, já com uma formação de 38 alunos, o coral realizou sua primeira apresentação fora da escola na reinauguração da Fundação Centro de Controle de Oncologia do Amazonas (FCECON). Durante o evento, entoamos o hino nacional e a música "Amazonas Moreno", do grupo Raízes Caboclas, estabelecendo essa canção como o hino do coral, pois, a partir de então, todas as formações a cantam. Essa apresentação marcou o início de uma parceria duradoura com a fundação, onde o coral quase todos os anos realiza uma cantata de Natal, além de apresentações no Lar das Marias e Lar da Criança com Câncer, ambas instituições vinculadas à Fundação. Essas atividades levam a música como uma fonte de conforto e alegria a essas valiosas comunidades.

No ano de 2007, nos apresentamos em maio nos eventos da Semana do Meio Ambiente na UFAM e no Parque do Mindú. Era a primeira vez que saímos de ônibus; os alunos ficaram eufóricos e felizes, cantaram e tocaram a viagem toda. Desde então, as viagens sempre são assim, com eles cantando e se divertindo. Em julho de 2007, fomos cantar por duas vezes no Hotel Tropical, no encerramento do Curso de Tecnologia da SEDUC e no Encontro Nacional do Livro Didático. No segundo dia do evento, vivenciamos uma experiência incrível que permaneceu gravada em nossa memória: após a nossa apresentação, visitamos a suíte presidencial e desfrutamos de um jantar no hotel.



Figura 17- Entrada do Hotel Tropical.
Fonte: Acervo do autor, 2007.

Em 2008, nossa trajetória se entrelaçava com a do professor José Carlos Gomes (in memoriam), um dos melhores gestores que a Escola Petrônio Portella já teve. Ele era carinhosamente apelidado de Comandante. Sem dúvida, foi o maior incentivador do Coral Uirapuru, acompanhando-nos nas apresentações e oferecendo apoio em todas as situações, sempre divulgando o coral em reuniões e eventos da SEDUC em que participava. Destaco uma das apresentações realizadas no encerramento da Semana Amazonas Indígena, que ocorreu em 19 de abril no auditório da Reitoria da UEA. Ainda em 2008, participamos de uma Noite Cabocla, apresentando nosso repertório regional, e entre as músicas estava "Porto de Lenha" do Grupo Raízes Caboclas. O evento contou com a presença de artistas amazonenses, como a cantora Lucilene Castro, e foi apresentado pelo comediante Tom Claro (Caboclo Pávulo).



Figura 18- Coral Uirapuru com Gestor Carlão na UEA.
Fonte: Acervo do autor, 2008.

Em 2009, evidencio a participação do coral na II Noite de Talentos da escola e em um evento da Seduc na Casa de Eventos Elegance. Neste ano, a gestora mandou fazer o primeiro uniforme do coral. Lembro-me dos alunos dizendo que parecia uma farda de cobrador de ônibus.



Figura 19- Evento da SEDUC na Casa de Eventos Elegance.
Fonte: Acervo do autor, 2009.

Em 2010, destaco a participação do coral na III Noite de Talentos, apresentando músicas internacionais, pois o evento consistia em cada turma representar a cultura de um país. Cantamos em japonês "Akai Hana"⁶, em francês "Paroles, Paroles" de Alain Delon & Dalida, em italiano "Speranza" de Laura Pausini, e em inglês "Will You Be There" de Michael Jackson, com a participação de uma aluna do grupo de dança que fez um cover do cantor. Neste ano, a gestora Prof.^a Hellen Maciel mandou fazer o novo uniforme do coral, nossas batas azuis.



Figura 20-Noite de Talentos da Escola.
Fonte: Acervo do autor, 2010.

Em 2011, foi um ano repleto de eventos, uma vez que a escola se mudou para o CETI Áurea Braga, um prédio recém-inaugurado com um auditório com capacidade para mais de 300 pessoas. Dessa forma, quase todos os eventos da SEDUC e da Coordenadoria Distrital 4 aconteciam no novo local. Participamos ativamente, abrindo e encerrando diversos eventos, começando pela inauguração do prédio e a abertura do ano letivo. Um marco importante foi o evento da III Mostra de Gestão Escolar, onde todos os professores e alguns membros do grupo gestor se juntaram ao coral para apresentar a música "Hallelujah" de George Frederic Handel em uma nova versão, combinando elementos antigos e novos, com acompanhamento de duas guitarras e beatbox. A partir dessa experiência, sete professores ingressaram no coral, alguns permanecendo até 2016.



Figura 21- Ensaio para a Mostra de Gestão.
Fonte: Acervo do autor, 2011.

⁶ "Akai Hana" é um cover em japonês do single "Cheoem Geu Nalcheoleom" de 2003 do cantor sul-coreano Park Yong-ha. Foi também o primeiro lançamento pelo próprio selo de Akina Nakamori, artista japonesa.

Em 2012, consolidamos uma parceria significativa com o Maestro Carlos Freitas e o Coral do INPA⁷, marcando um momento relevante para o Coral Uirapuru. Essa colaboração proporcionou experiências enriquecedoras ao unir um coro composto por jovens e adolescentes a outro formado por pessoas de meia idade, resultando em uma interação intergeracional única. Esta parceria não apenas contribuiu para o crescimento do nosso coro, tanto em termos musicais quanto em relação à convivência e socialização, mas também mostrou-se extremamente importante na troca de experiências, promovendo o desenvolvimento conjunto de ambos os coros. No final do ano, celebramos essa união realizando uma emocionante cantata de Natal e apresentando-a na Livraria Saraiva, localizada no Shopping Manauara.



Figura 22- Aula com o Maestro Carlos.
Fonte: Acervo do autor, 2012.

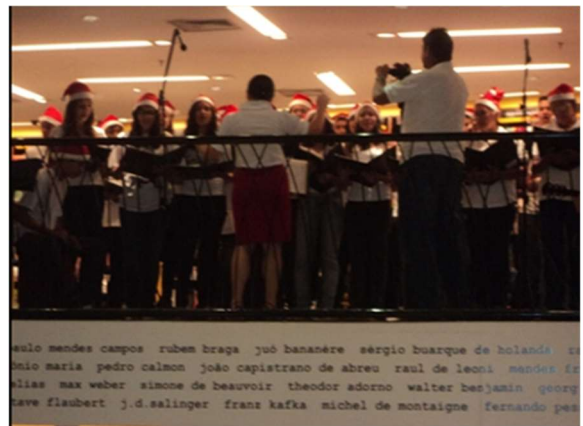


Figura 23- Apresentação do Coral Uirapuru e Coral do Inpa na Livraria Saraiva.
Fonte: Acervo do autor, 2012.

No ano de 2013, destaco duas apresentações marcantes. A primeira foi um espetáculo de música e teatro realizado pelos alunos do coral em homenagem às mães, onde algumas mães subiram ao palco para cantar com eles, abordando o tema dos anos 60. Foi muito marcante, pois um dos alunos cantou uma música de Roberto Carlos, de quem sua mãe era fã, resultando em um momento emocionante em que ela subiu ao palco, chorou e cantou com ele. O segundo evento significativo foi a apresentação do nosso repertório amazônico de lendas na Escola Superior Batista do Amazonas (ESBAM). Entre meu grupo de instrumentistas, estava a professora Luciana Amud, que tocava violão e percussão. Neste ano, ela era a responsável pelos instrumentistas, desde a avaliação inicial para a entrada deles no coral até a preparação para tocarem o repertório. Ela permaneceu conosco por três anos.

⁷ Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia.



Figura 24- Apresentação do Repertório de Lendas na ESBAM.
Fonte: Acervo do autor, 2013.

Em 2014, dentre várias apresentações, tivemos uma participação muito especial no Simpósio Nacional do Gepelip (Grupos de Estudos e Pesquisas em Língua Portuguesa) com o tema "Interculturalidade nas Literaturas de Língua Portuguesa", que aconteceu na UFAM. Neste evento, havia pessoas de diversos lugares do Brasil e ainda pesquisadores dos Estados Unidos, Europa e África. Cantamos as músicas "Uirapuru", "Foi Bôto Sinhá" e "Tamba Tajá", onde três dos nossos coristas professores, antes de cantarmos cada música, contaram a lenda para os presentes. Uma pesquisadora portuguesa ficou muito encantada com as narrativas e até brincou perguntando onde encontrava o boto. Além desta apresentação marcante, cantamos no Colégio Militar de Manaus, onde contamos com a participação de um aluno da nossa escola como saxofonista e novamente alguns integrantes do grupo de dança da escola.



Figura 25- Apresentação na UFAM.
Fonte: Acervo do autor, 2014.

No ano de 2015, retornamos ao prédio reformado do Petrônio Portella. Cantamos na inauguração, que só ocorreu em setembro. Além dos eventos internos, como o Arraial da escola, novamente nos apresentamos na UFAM.



Figura 26- Reinauguração da Escola.
Fonte: Acervo do autor, 2015.

Em 2016, destaco a apresentação na Arena da Amazônia durante a chegada da tocha olímpica em Manaus, no mês de junho. Na escola, participamos do Festival de Música Latina e, em 7 de dezembro, fizemos a cantata de Natal na Arena novamente.



Figura 27- Coral Uirapuru na chegada da tocha olímpica.
Fonte: Acervo do autor, 2016.

Em 2017, participamos junto com o grupo de teatro da escola da cantata de Páscoa. Em novembro, fomos para a cidade de Presidente Figueiredo, onde cantamos na Feira Literária do Instituto Federal do Amazonas (IFAM). Além disso, participamos do Festival Integrarte no Palácio Rio Negro e da programação de Natal do Manaus Plaza Shopping.



Figura 28- Coral em Presidente Figueiredo.
Fonte: Acervo do autor, 2017.

Em 2018, além dos eventos internos da escola, apresentando-nos no Teatro La Salle e também participamos de um evento do Governo do Amazonas intitulado “Prosamim em Movimento” em outubro. Além disso, fizemos parte da programação da Arena da Amazônia e do Manaus Plaza Shopping, respectivamente, nos dias 7 e 8 de dezembro, com a realização de uma cantata de Natal.



Figura 29- Coral Uirapuru no "Prosamim em Movimento".
Fonte: Acervo do autor, 2018.

No ano de 2019, além das programações do calendário escolar, como Dia da Mulher, Dia das Mães, Festa Junina e abertura de mostras, realizamos um musical intitulado “As Princesas da Disney” em outubro em comemoração ao Dia das Crianças. Fizemos parte também do Festival de Música da Escola em dezembro. Fora da escola, participamos do Concurso Estadual de Prevenção à Violência Contra as Mulheres, conquistando o 2º lugar com a música autoral “Mulher Maravilha”. Como última apresentação, realizamos uma cantata no ambulatório do Hospital da FCECON no dia 13 de dezembro.



Figura 30- Apresentação no Festival de Música da Escola.
Fonte: Acervo do autor, 2019.

Em 2020, passamos praticamente todo o ano em casa devido à pandemia de Covid-19⁸, em sistema de aulas remotas. Embora o retorno às aulas presenciais tenha ocorrido em setembro, o Manual de Protocolo de Saúde da SEDUC nos impediu de dar continuidade ao projeto devido às restrições de distanciamento, uma vez que seria necessário retirar a máscara para cantar.

Em 2021, devido ao agravamento da pandemia, as aulas retornaram ao formato remoto, e somente em junho a escola retomou parcialmente as atividades, adotando o modelo híbrido. As turmas foram divididas em dois grupos (A e B), frequentando a escola em dias alternados. Enquanto um grupo estava na unidade, o outro permanecia em casa, acompanhando as transmissões do Projeto Aula em Casa⁹ ou prosseguindo com as atividades remotas designadas pela escola. Em maio, em comemoração ao Dia das Mães, duas alunas e um aluno da formação do coral de 2019 realizaram uma apresentação online. Em agosto, recebemos autorização para retomar os ensaios. Nossa primeira apresentação pós-pandemia foi na recepção aos novos alunos, e aproveitamos a ocasião para abrir inscrições para o coral. Continuamos com apresentações em setembro no evento do Setembro Amarelo; em outubro, participamos do evento da SEDUC de Combate ao Bullying; em dezembro, realizamos a cantata de Natal na escola, envolvendo todas as turmas de 3º ano, e a cantata de Natal no hospital da FCECON.



Figura 31- Apresentação de Natal no Ambulatório do CECON.
Fonte: Acervo do autor, 2021.

Em 2022, enfrentamos muitos desafios. Nossos alunos, durante a pandemia, lidaram com ansiedade, estresse e isolamento social, afetando sua saúde mental. O projeto foi

⁸ COVID-19 é uma doença infecciosa causada pelo coronavírus e tem como principais sintomas febre, cansaço e tosse seca.

⁹ O Projeto Aula em Casa, liderado pela Secretaria de Educação do Estado do Amazonas, visa oferecer conteúdos pedagógicos para a continuidade dos estudos, apoiando professores e alunos durante situações como a pandemia e períodos de estadia na região amazônica.

fundamental ao oferecer conexão social, criando assim um ambiente no qual os alunos puderam se sentir parte de uma comunidade, proporcionando um senso de pertencimento e apoio emocional. Alguns integrantes do coral precisaram de ajuda psicológica profissional, e muitos ainda estão em tratamento. Entre os eventos da programação da escola destaco o evento do dia das mães “Minha mãe é um Talento” onde o aluno pode cantar ou tocar com sua mãe e também algumas mães que trabalham com artesanato puderam expor seus trabalhos e vendê-los. Tivemos em junho a apresentação de Amazonas Moreno, do Grupo Raízes Caboclas em um evento da SEDUC que aconteceu na escola; em novembro um Festival de Rock Nacional realizado pelos alunos do coral; e em dezembro a cantata “Natal na Floresta” no CECON.



Figura 32- Após a apresentação no CECON.
Fonte: Acervo do autor, 2022.

O ano de 2023 foi dedicado à preparação e execução do produto final do mestrado: a vídeo-apresentação das quatro lendas de Waldemar Henrique. Iniciamos o ano com a tradicional recepção aos novos alunos da escola, onde, como de praxe, apresentamos o projeto do coral. Nessa ocasião, convidamos dois ex-coristas de 2019 e um de 2017 para compartilhar seus depoimentos sobre suas trajetórias no coral e suas percepções sobre como o projeto impactou ou está impactando suas vidas. Seguimos com as apresentações da escola: em março no evento do dia internacional da mulher cantamos nossa música autoral “Mulher Maravilha”; em abril a cantata de páscoa “O Emanuel”; em maio cantamos no evento para as mães; dia 10 de julho, tendo como plateia os alunos da 2ª série apresentamos uma prévia das narrativas cantadas e encenadas das lendas do Waldemar Henrique em um seminário intitulado “Narrativas de Lendas Amazônicas” no qual cada naipe do coro representou uma lenda. Posteriormente, continuamos a pesquisa, elaboração de roteiros, ensaios, criação de cenários e figurinos, culminando na produção do produto final, cujas gravações aconteceram em 5 e 6 de dezembro. Ainda destaco

a apresentação na UFAM em agosto no evento do Seminário Interdisciplinar de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (SEINPE), e a participação no evento “Petrônio Poeta” em novembro, na escola.



Figura 33- Um registro antes da Cantata de Páscoa.
Fonte: Acervo do autor, 2023.

Antes de finalizar este relato, é importante versar sobre os instrumentistas que contribuíram significativamente para o desenvolvimento do projeto, uma vez que suas participações foram fundamentais. O primeiro dos instrumentistas, que integrou o coral era extremamente talentoso, dominando a flauta, ocarina, teclado, violão, percussão e também possuía habilidades vocais. Mesmo após os três anos em que esteve na escola e participou do coral, ele continua retornando, sempre que possível, para orientar os novos integrantes. Atualmente, ele atua como maestro, professor de música e arranjador. Além dele, diversos violonistas, guitarristas, baixistas, tecladistas e percussionistas passaram pelo projeto, sem mencionar as participações especiais de alunos instrumentistas da escola, como flautistas, saxofonistas e violinistas.

Em síntese, a jornada do coral, marcada por apresentações envolventes e cheias de energia e parcerias significativas, reflete não apenas a riqueza da cultura regional, mas também o papel vital da arte na formação de identidade e no desenvolvimento sociocultural dos indivíduos. O Coral Uirapuru, com sua trajetória inspiradora, deixa um legado duradouro, demonstrando que a música transcende as notas, tornando-se um caminho valioso para o enriquecimento humano e cultural.

2.6 CONSTRUINDO LAÇOS: O Coral Uirapuru como Agente de Convivência e Apoio Emocional

A transformação do Coral Uirapuru em um meio que vai além da mera execução musical conjunta representa uma abordagem integral para a experiência coral. Ao solidificá-lo como uma ferramenta eficaz na construção de um núcleo de convivência sólida, almeja-se transcender a esfera musical, fomentando uma interação mais profunda entre os participantes. Nesse contexto, o coral não se limita a simples práticas musicais; torna-se um espaço enriquecedor que fortalece vínculos humanos e proporciona uma experiência coral única e significativa.

A consolidação do grupo como um núcleo de convivência sólida implica na criação de um ambiente onde os membros sintam-se conectados não apenas pela música, mas também por laços de amizade e colaboração. Os ensaios e apresentação não se limitam apenas ao aprimoramento técnico e artístico, mas se tornam momentos de partilha, troca de experiências e construção de relações interpessoais significativas. Dessa forma, esse núcleo de convivência fortalece os vínculos entre os participantes, contribuindo para um senso de comunidade e pertencimento. Segundo Amato (2007, p. 80):

O coral desvela-se assim como uma extraordinária ferramenta para estabelecer uma densa rede de configurações socioculturais com os elos da valorização da própria individualidade, da individualidade do outro e do respeito das relações interpessoais, em um comprometimento de solidariedade e cooperação. Todas essas interfaces inerentes ao desenvolvimento do trabalho de educação musical em corais contribuem para a inclusão e integração social.

A busca por proporcionar apoio emocional evidencia a sensibilidade para além das notas musicais. O coral, nesse contexto, se torna um espaço seguro para expressar emoções, enfrentar desafios pessoais e compartilhar experiências de vida. A música passa a ser um veículo não apenas para a expressão artística, mas também para a comunicação e compreensão emocional entre os membros. O apoio emocional promovido pelo coral pode desempenhar um papel significativo no bem-estar psicológico dos participantes, proporcionando um suporte valioso em suas jornadas individuais (Chevitarese; Reis, 2019).

Ao procurar estabelecer o coral como um núcleo de convivência sólida, a intenção é fomentar um ambiente onde os participantes se sintam acolhidos e conectados não apenas durante as atividades musicais, mas em diversos aspectos de suas vidas. Na fala de Éliton Pereira e Miriã Vasconcelos, “o coral, por ser um local que propicia muitos contatos sociais, permite os sujeitos a se colocarem em situações que os conduzem ao aprendizado e desenvolvimento de relações com a música, com os outros e com a comunidade” (Pereira e

Vasconcelos, 2007, p.118). Desse modo, os ensaios e apresentações tornam-se oportunidades para a construção de laços sociais profundos, promovendo um senso de comunidade que transcende as fronteiras da música.

A socialização no canto coral representa um processo significativo, promovendo o desenvolvimento positivo dos participantes. Sobre isso Pereira e Vasconcelos escreve:

Acreditamos que há um processo de socialização no canto coral e, conseqüentemente, um desenvolvimento favorável ao participante desta atividade. Este desenvolvimento acredita-se, é propiciado pelas relações travadas entre as pessoas, porém tendo como canal e vínculo entre elas aquilo que seria o elemento principal – a música, que traz novas formas de agir, pensar e sentir. Necessariamente, parte-se do pressuposto que esta arte é essencialmente uma manifestação social e que, no canto coral, a música contextualiza as relações sociais influenciando o processo de formação dos participantes. (Pereira e Vasconcelos, 2007, p.102).

Portanto, a música que é essencialmente social, contextualiza as relações no canto coral, influenciando o processo de formação dos participantes ao introduzir novas formas de agir, pensar e sentir.

O estabelecimento de um núcleo de convivência sólida pode influenciar positivamente o clima do grupo, incentivando a colaboração e a troca de ideias. A diversidade de experiências individuais se torna um elemento enriquecedor, enraizando o coro como um espaço inclusivo, onde as diferenças são celebradas e respeitadas. Dessa forma, a prática musical coletiva não se limita apenas à produção de sons harmoniosos, mas também à construção de relações interpessoais fundamentadas na compreensão mútua e na solidariedade (Oliveira, 2016; Santos, 2017).

No que diz respeito ao apoio emocional, o coro se torna um refúgio para a expressão de sentimentos, sejam eles de alegria, tristeza ou introspecção. A música, nesse contexto, transcende a técnica vocal e instrumental, servindo como um canal para a comunicação e a catarse emocional. Os participantes encontram no coral um espaço seguro para compartilhar suas emoções, enfrentar desafios pessoais e celebrar conquistas, criando um ambiente de confiança mútua (Silva, 2020).

Dessa forma, ao transformar o coral em um meio que vai além da simples prática musical, almeja-se criar uma experiência que não apenas aprimora as habilidades artísticas, mas que também promove uma convivência enriquecedora e um suporte emocional valioso. O coral, nesse contexto expandido, assume um papel vital não apenas na formação musical dos

participantes, mas na construção de uma comunidade coesa, solidária e emocionalmente fortalecida.

Assim, “nessa visão sociológica, todos os participantes reconhecem o papel social que a prática ocupou em sua vida, desde o integrante com pouco tempo até o egresso, que carrega as marcas da sua experiência” (Goulart, 2016, p.09).

Portanto, neste cenário, é fundamental explorar a perspectiva dos participantes no contexto do Coral Uirapuru, incorporando os relatos de alguns alunos. Esses relatos proporcionam uma visão única das práticas e experiências vivenciadas, destacando as nuances emocionais e a importância do apoio mútuo. Ao inseri-los, busca-se não apenas enriquecer a compreensão da experiência coral, mas também criar um registro autêntico e humano do impacto do coral como agente de convivência, apoio emocional. Assim, segue abaixo os relatos de alguns ex-alunos:

“Eu sempre gostei muito de cantar, mesmo que nunca tenha sido bom, me empenhava a melhorar e aprender a ser um pouco melhor a cada dia. Na escola tive a oportunidade de participar do coral, um grupo de pessoas incríveis que sempre me incentivam a melhorar e a crescer, tanto no canto quanto academicamente. Durante todo meu ensino médio eu participei das aulas, apresentações e eventos proporcionados pelo coral, sendo ministrado pela professora Leonice, que sempre se dedicava a nos ensinar a cantar, aprender sobre teoria musical e melhorar nossas interações sociais. Eu não consigo imaginar meu ensino médio sem o coral, por ser um pouco tímido, eu não era bom em ter relações sociais, mas devido a pertencer a esse grupo, eu pude evoluir e ter mais compostura diante as pessoas, assim como todos os coristas que evoluíram como pessoas, cantores e como estudantes”. (aluno A)

“Ao entrar no coral, eu era extremamente tímida, alguém bem introvertida, mas o amor da professora Leo pela música me fez despertar uma paixão por essa arte. O coral, em si, era o refúgio para todos que estavam cansados do dia a dia, a leveza do cuidado da professora com cada estrofe de música, fazia com que ninguém conseguisse deixar a sala. O coral desperta em todas as pessoas introvertidas ao que só a música pode explicar, é automático, mesmo que ninguém saiba a letra de uma canção, os sussurros entregam a vontade de aprender. Essa prática de arte na escola, não é somente um lugar, mas uma família. Então, sim, o coral mudou a minha forma de viver”. (aluna B)

“Meus anos na escola não seriam os mesmos se eu não tivesse participado do Coral Uirapuru! Sempre fui muito tímida, mas como a Prof. Leo disse uma vez "Você é tímida, mas

não pra cantar" Acredito que a música pode mudar vidas e libertar o que as pessoas têm de melhor..." (aluna C)

"O ano era 2019 e minha irmã ficou muito doente e eu tive que cuidar do filho dela, um bebê de 8 meses. Praticamente fui pai dele durante um ano. Nesta época uma amiga me convidou para fazer a audição do coral. Fiz e apesar de estar muito envergonhado e nervoso, passei. Fiquei muito feliz. Vi que o coral era minha válvula de escape, onde eu podia me refugiar em meio ao caos em que a minha vida estava naquele momento. Eu podia deixar de fazer tudo, menos deixar de ir pro ensaio do coral. Eu amo cantar. Foi uma experiência muito incrível uma apresentação que fizemos na Fundação CECON, onde nós cantamos para pessoas que não fazíamos de como a vida delas estavam. Quem sabe não estávamos levando um pouco de felicidade através da música? Eu guardo a camisa do coral até hoje, pois ela tem um valor significativo e eu sempre a mantenho à vista para lembrar uma época que eu estava no fundo do poço, mas ali no coral eu tinha pessoas e nossa professora nos quais podia contar". (aluno D)

"Sou a N. e fui chefe do naipe das sopranos de 2017 a 2019. Falar do coral é muito profundo, pois foi a experiência mais marcante do meu ensino médio. Foi lá que criei laços com as maiores amigas até hoje. Eu era uma menina muito tímida e não tinha confiança em mim mesma. Eu sabia que tinha talento para cantar, mas não sabia expressar isso para as pessoas porque eu tinha muita vergonha. A professora foi me fazendo ganhar confiança. Além do aprendizado musical que eu tive como o controle da voz, tive um aprendizado muito mais significativo, me tornar uma pessoa melhor. Aprendi a ser mais humana, respeitar os outros e tenho certeza que outros alunos do coral também, pois eu vi muitas pessoas que entraram no coral totalmente insensíveis e indiferentes com a dor do próximo e por causa do projeto começaram a se sensibilizar com a dor dos outros, tornando-se pessoas melhores. Uma experiência marcante foi quando fomos cantar no CECON, ficamos todos emocionados em ver pessoas doentes e tão sofridas colocando um sorriso no rosto e cantando com a gente. Espero que este projeto continue transformando muitas vidas como transformou a minha". (aluna E)

"Durante os anos de 2017 a 2019 fui músico e monitor junto à Regente Leonice Farias no Coral Uirapuru na Escola Estadual Senador Petrônio Portella. Esse período foi fundamental no meu desenvolvimento como músico, foi quando tive meu primeiro contato com partituras e pude ter uma experiência musical muito significativa. Através de todos os ensaios, leituras e apresentações, pude experimentar um pouco mais perto uma vivência musical mais aprofundada. O Coral Uirapuru também me proporcionou uma experiência que eu nunca tinha

vivido antes, que com certeza me ajudou a lidar com problemas de ansiedade e me mostrou como a música pode servir como refúgio. Hoje faço Bacharel em Música com Habilitação em Regência pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA) e a Regente Leonice Farias e o Coral Uirapuru foram extremamente necessários no meu processo de aprendizado pré-universidade e com certeza também foram muito importantes para meu desenvolvimento pessoal, mental e emocional”. (aluno F)

“Eu participei do coral Uirapuru o meu ensino médio todo, era do naipe dos tenores. Dentro daquele ambiente eu aprendi muito sobre a cultura do nosso estado e da região norte. Apresentei com o coral em vários lugares e isso me abriu portas, me fazendo optar pelo caminho da educação. Hoje faço Letras (Língua Portuguesa) na UEA e posso dizer que o coral mudou minha vida e me mostrou um potencial que eu nem sabia que existia. Então, hoje eu entendo o quão importante é um projeto desse e como ele transforma a vida das pessoas. Eu conheço outros alunos que também participaram e que seguiram neste caminho da educação, da arte e da música, hoje são grandes artistas e já se apresentaram até no Teatro Amazonas, isso pra mim é muito importante porque mostra a valorização que nós estudantes precisamos. A música, a arte e a educação transformam vidas e eu fui transformado por isso”. (aluno G)

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Durante as diversas fases do projeto, desde a formação do grupo até a criação do vídeo final, identificamos resultados significativos.

Ao longo de todas as etapas do projeto, os alunos demonstraram um notável empenho e motivação ao trabalhar com as músicas de Waldemar Henrique especialmente ao abordar as lendas em formato de coro cênico. O entusiasmo dos participantes foi uma constante, impulsionando positivamente o, desenvolvimento do coral e contribuindo para o sucesso do projeto de maneira geral.

A dedicação dos alunos foi evidenciada desde a fase inicial de apresentação do coral veterano aos futuros novos membros, onde depoimentos inspiradores de ex-alunos foram compartilhados. Esse engajamento inicial estabeleceu uma atmosfera acolhedora, fortalecendo os laços entre os coristas e fomentando uma participação ativa ao longo de todo o processo.

Durante as audições e testes vocais, os alunos demonstraram não apenas habilidades musicais, mas também um comprometimento verdadeiro com a formação artística do grupo. A

participação ativa nas aulas, ensaios e apresentações refletiu o interesse crescente dos alunos em aprimorar suas habilidades musicais e cênicas.

A etapa de pesquisa sobre repertórios enriqueceu a compreensão dos estudantes sobre a cultura amazônica, e a realização das rodas de conversa demonstrou um interesse genuíno em explorar conceitos musicais e éticos. Essa atitude pesquisadora contribuiu para uma abordagem mais profunda e significativa na interpretação das lendas de Waldemar Henrique.

O ápice do projeto foi a produção do vídeo em formato de coro cênico, e os alunos se destacaram ao mergulhar nas narrativas das lendas amazônicas, refletindo uma verdadeira paixão pelo trabalho. O compartilhamento do vídeo nas plataformas online, YouTube e Instagram, tornou-se uma extensão natural desse empenho, buscando alcançar um público mais amplo e contribuir para a promoção da cultura amazônica.

Em resumo, o empenho e motivação constantes dos alunos ao longo de todas as etapas demonstram não apenas a eficácia do projeto, mas também a poderosa conexão emocional que eles estabeleceram com as lendas de Waldemar Henrique, consolidando o sucesso do coral como um todo.

Em última análise, os resultados alcançados não apenas atenderam aos objetivos propostos, mas também deixam um legado cultural duradouro, fortalecendo a identidade da comunidade escolar e contribuindo para a preservação e valorização da rica herança cultural amazônica.

Apesar dos resultados positivos alcançados no desenvolvimento do projeto, enfrentamos algumas dificuldades durante o percurso.

Durante o desenvolvimento do projeto de mestrado, enfrentamos uma questão significativa relacionada à saúde dos alunos, o que resultou na desistência da tecladista e do violonista ao longo do processo. Essa situação demandou uma adaptação contínua para gerenciar as ausências, o que, por sua vez, impactou a configuração do produto final. Com a ausência deles, foi necessário fazer ajustes, como a utilização exclusiva da percussão no fundo musical. Essa mudança representou um desafio, mas a equipe do projeto demonstrou flexibilidade e habilidade em ajustar-se às circunstâncias para garantir a continuidade e a qualidade do trabalho desenvolvido.

Outra dificuldade foi a resistência de alguns alunos em participar dos ensaios durante os

intervalos do almoço, devido às suas preferências naturais de aproveitar esses momentos para descansar ou socializar com colegas. Foi necessário um esforço constante, incluindo cobranças frequentes para garantir a participação. Essa relutância impactou a eficácia dos ensaios, resultando em várias reuniões para conscientizá-los em relação à responsabilidade e empenho no projeto.

Adicionalmente, alguns alunos enfrentaram dificuldades em conciliar o projeto do coral com outras atividades escolares ou na preparação para o vestibular. Isso impactou a consistência da participação ao longo das diferentes etapas do projeto. A necessidade de equilibrar essas demandas concorrentes representou um desafio adicional para os estudantes.

Em meio a essas adversidades, o projeto persistiu, destacando a resiliência da equipe e a paixão pela música e pela cultura amazônica. As lições aprendidas e os desafios superados contribuem para uma compreensão mais abrangente do processo, ressaltando a importância da flexibilidade, comunicação eficaz e apoio contínuo em iniciativas culturais e educativas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa, buscou-se promover a valorização da cultura musical regional, particularmente por meio do ensino de canto coral em uma escola pública de tempo integral no ensino médio. Os objetivos específicos delineados forneceram a estrutura para alcançar esse propósito, trazendo à tona aspectos essenciais da rica herança cultural amazônica.

A exploração das quatro lendas do compositor paraense Waldemar Henrique revelou-se não apenas uma abordagem artística, mas também uma oportunidade para incentivar a reflexão e interação dos alunos com o meio cultural ao seu redor. A atitude pesquisadora promovida durante o estudo contribuiu para uma compreensão mais profunda das músicas regionais, enriquecendo a experiência educacional.

Ao conhecer o Coral Uirapuru e sua trajetória, foi possível estabelecer uma conexão valiosa entre a prática coral e a história musical regional. Essa imersão na cultura musical local não apenas fortaleceu o vínculo dos participantes com suas raízes, mas também adicionou camadas de significado à prática do canto coral. Essa experiência pode contribuir para a formação integral destes alunos, para além do universo da escola e, assim como uirapurus possam ser ouvidos, quando alçarem seus voos e ecoarem seus cantos.

Além disso, o coral foi reconhecido não apenas como um grupo musical, mas como uma ferramenta eficaz para construir convivência sólida e oferecer apoio emocional aos participantes. A prática de cantar em conjunto transcendeu os limites da performance musical, tornando-se uma plataforma para o desenvolvimento emocional e social dos alunos.

Em síntese, os objetivos traçados nesta pesquisa foram alcançados com êxito, evidenciando o potencial transformador do canto coral no contexto educacional. O compromisso com a valorização da cultura musical regional não apenas enriqueceu as experiências dos participantes, mas também contribuiu para a preservação e promoção dessa rica herança. Que este estudo possa inspirar futuras iniciativas e pesquisas que fortaleçam ainda mais o papel do ensino de canto coral na valorização das tradições musicais regionais.

5. REFERÊNCIAS

ALVES, Namara Nayane de Souza et al. **Música, Informação e Identidade nas obras de Waldemar Henrique**. 2018.

AMATO, Rita de Cássia Fucci. **Momento brasileiro: reflexões sobre o nacionalismo, a educação musical e o canto orfeônico em Villa-Lobos**. Revista Electrónica Complutense de Investigación en Educación Musical, v. 5, p. 1-18, 2008.

BARROS, Maria de Fatima Estelita. **Waldemar Henrique: folclore, texto e música num único projeto-a canção**. 2005. Tese de Doutorado.

BARROS, Matheus Henrique da Fonsêca; PENNA, Maura. **Pesquisa-ação e educação musical: desvendando possibilidades**. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio/Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica**. Arte-Brasília: MEC; SEMTEC, 2002. 360p. Il.

CAVINI, Maristella Pinheiro. **História da Música Ocidental: uma breve trajetória desde a Pré-História até o século XVII**. Volume 1. 2017.

COSTA, P. **A expressão cênica como elemento facilitador da performance no coro juvenil**. Per Musi, Belo Horizonte, n.19, 2009, p. 63-71.

Cultura Musical: Qual sua importância nos dias atuais? Sociedade Artística Brasileira, 2018. Disponível em: <<https://www.sabra.org.br/site/cultura-musical-qual-a-sua-importancia-nos-tempos-atuais/>>. Acesso em 15 jul. 2022.

Cultura: Como podemos preservar a nossa. Sociedade Artística Brasileira, 2018. Disponível em: <<https://www.sabra.org.br/site/cultura-como-podemos-preservar-a-nossa/>>. Acesso em: 17 jul. 2023.

DA SILVA, E. M. C. **Waldemar Henrique e Gentil Puget: “Folk-lore” amazônico e modernismo musical**. *Brasiliana: Journal for Brazilian Studies*, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 476–495, 2020. DOI: 10.25160/bjbs.v9i1.119777. Disponível em: <<https://tidsskrift.dk/bras/article/view/119777>>. Acesso em: 19 jan. 2024.

DA SILVA, Maria Valnice; SANTOS, Jean Mac Cole Tavares. **A BNCC e as implicações para o currículo da Educação Básica**. 2018.

DE FIGUEIREDO SANTOS, Isabela. **Lendas Amazônicas de Waldemar Henrique: um estudo interpretativo**. 2009. Dissertação.

Entenda a Importância da Música Brasileira na Educação Brasileira. Novabrazilfm, São Paulo, 2022. Disponível em: <<https://novabrazilfm.com.br/notasmusicais/brasilidade/entenda-a-importancia-da-musica-na-educacao-brasileira/>>. Acesso em: 14 de jul. de 2023.

GAMA, Antonio Marcos Silva da et al. **Waldemar Henrique na escola: as lendas amazônicas como recurso para a educação musical.** 2023.

GOLDENBERG, Ricardo. **Educação musical: a experiência do canto orfeônico no Brasil.** Pro-Posições, v. 6, n. 3, p. 103-104, 1995.

GOMES, Hermes Coelho. **Sinfonia dos salmos de Igor Stravinsky: subsídios para uma interpretação.** 2006. Tese de Doutorado. UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS.

GOMES, Miguel Ângelo Ferreira. **A importância da prática do canto coral no ensino básico.** 2016. Tese de Doutorado.

GULARTE, José Luiz Domingues. **Pesquisa-ação e construção de uma proposta músico pedagógica no ensino médio: processos inter e transdisciplinares.** 2022.

LOURENÇO, Gilmar dos Santos et al. **Educação musical na escola de tempo integral: processos pedagógicos em escola estadual de Goiânia-Go.** 2015. Dissertação.

MICHELS, U. **Atlas de música – dos primórdios ao Renascimento.** Lisboa: Gradiva, 2003.

MONTI, Ednardo Monteiro Gonzaga. **Canto orfeônico: a linguagem musical em vozes políticas e educativas.** Revista Teias, v. 12, n. 24, p. 17, 2011.

OLIVEIRA, André Rodrigues Costa de. **O canto coral e suas influências socioculturais.** 2016.

PENNA, Maura. **Música(s) e seu ensino.** 2.ed.rev. e ampl. Porto Alegre: Sulina, 2008.

PEREIRA, Éliton; VASCONCELOS, Miriã. **O processo de socialização no canto coral: um estudo sobre as dimensões pessoal, interpessoal e comunitária.** Revista Música Hodie, v. 7, n. 1, 2007.

PEREIRA, I. N. **A importância da música na formação do indivíduo: uma reflexão sobre os obstáculos da difusão da educação musical no espaço escolar.** São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo, 2014.

PLATÃO. **A República.** Trad. J. Guinsburg. 2 ed. São Paulo: Difel, 1973.

ROCHA JÚNIOR, R. A. da. **Música e Filosofia em Platão e Aristóteles.** Discurso, [S. l.], n. 37, p. 29-54, 2007. DOI: 10.11606/issn.2318-8863.discurso.2007.62912. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/discurso/article/view/62912>>. Acesso em: 14 jul. 2023.

- RODRIGUES, Francis Helena Mendonça. **Corpo, voz e movimento: a expressão cênica no canto coral**. Salão do Conhecimento, v. 8, n. 8, 2022.
- SANTOS, GLEIDSON JORDAN dos. **Desenvolvimento Social de Adolescentes a partir de Atividades Musicais em Grupo no Programa Música Viva: uma análise a partir do Modelo Bioecológico em Interlocução com a Psicomúsica**. São João del-Rei- MG,2017. PPGPSI-UFSJ dissertação mestrado.
- SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2006. (coleção primeiros passos).
- SILVA, Cintia Adélia da; MOURÃO, Arminda Rachel Botelho. **Desafios da gestão democrática: uma análise do sistema escolar de tempo integral de Manaus**. Roteiro, v. 46, 2021.
- SILVA, Leandro. **CANTO CORAL: uma proposta para o ensino médio**. 2020.
- THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18.ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- TRIPP, David. **Pesquisa-ação: uma introdução metodológica**. Educação e pesquisa, v. 31, p. 443-466, 2005.
- VIEIRA, M. **A produção de experiências ativas no ensino de música: reflexões a partir de John Dewey**. Revista Científica do UBM, v. 20, n. 38, p. 66-79, maio 2021.
- VILLA-LOBOS, Heitor. **Villa-Lobos por ele mesmo**. In: RIBEIRO, J. C. (org.). O pensamento vivo de Villa-Lobos. São Paulo: Martin Claret, 1987.

6. APÊNDICES

APÊNDICE A – Roteiro

ROTEIRO – PERSONAGENS

Maria Teresa: Anny Gabrielly;
 Raimundo: David Júnior;
 Liliane (Neto 1): Anarella;
 Alice (Neto 2): Fernanda;
 Maria (Neto 3): Maria Eduarda;
 Ana Luíza (Neto 4): Gabriela;
 José (Neto 5): Luís;
 Antônio (Neto 6): Adriel;
 Júlio (Neto 7): Caio;
 Boto: Nápoles;
 Moça seduzida: Evellyn (Josi);
 Caboclo falador: Pedro (João);
 Noiva cunhatã: Ana;
 Cobra Grande: Instrumentistas;
 Índio Macuxi: Josué;
 Índia: Emily.

LENDA DO BOTO

Os netos de Maria Teresa e Raimundo chegam de Manaus para passar as férias com os avós em Caapiranga, onde eles cresceram. *(ELES CHEGAM ABRAÇANDO OS AVÓS)*

Ana Luíza – Vó, a senhora nem sabe!! A gente viu um boto cor-de-rosa no caminho pra cá! Ele ficava pulando do lado da lancha

Júlio – A gente viu mermo! Lembro que até já tomei banho com um.

Maria Teresa – Meu Deus! Meninos, vocês tomaram conta das meninas, né? Precisam tomar muito cuidado que ele é encantado.

José – Ah vó, para de contar abobrinha pras meninas! Fica botando medo nelas por causa desse peixe inxirido.

Raimundo – Olha como tu fala com a tua avó! Ela já viu o boto, sabe mais do que tu menino alesado!

Maria – Pera lá, a senhora já viu o boto? Telezé? Conta aí!

Maria Teresa – Vi sim, faz muito tempo, antes de conhecer o avô de vocês.

Antônio – Ai vó, conta pra gente!

Maria Teresa – Abanquem-se aí no chão, eu vou contar pra vocês. *(todos sentam em volta do sofá)* Eu vi o boto quando eu era bem novinha, numa festa que eu e Josi fomos com nossos pais. Era nossa primeira festa: muita música e comida boa e tava de gente até o tucupi!

De repente a Josi sumiu, fui procurar ela porque eu sabia que se o pai dela, que era brabo qui só, desse falta dela ia dar um bafafá danado. Foi quando eu vi, ela na beirada do rio com um homem todo vestido de branco e com um chapéu na cabeça. Eles estavam se beijando! Corri desembestada de volta pra festa e esperei, esperei e nada dela voltar. Ela só foi aparecer no outro dia, bem de manhazinha. Os pais dela nem perceberam que ela tinha saído, pra sorte dela. Aí ela me contou que ele era o homem mais bonito que ela já tinha visto e que estava doidinha por ele. Perguntei por ele e ela me disse que ele tinha sumido logo de manhã, daí eu entendi tudo, ele tinha usado a lesa. Minha mãe vivia falando pra eu ter cuidado com esse tipo de homem que só quer usar menina nova. Foi aí que descobri que era o boto que tinha encantado minha amiga! Fiquei com pena dela pois tinha ouvido falar de meninas que embucharam dele e tinham que criar as crianças sozinhas.

Dito e feito! Ela embuchou do boto e o pai dela arrumou um casamento com um primo de segundo grau que levou ela pra vila de Beruri.

Eu ainda virei madrinha do menino, um menino bem bonito, de acordo com ela se parece com o pai, por sorte ninguém de lá suspeita de nada, mas nós duas sabemos bem de quem é o pai do filho dela.

Liliane – Vixe Maria! Coitada vó!

José – Eita, até eu fiquei com pena da pobre...

Maria – Vó, eu tô fazendo o meu mestrado na Ufam e meu tema será sobre lendas amazônicas. Vou pegar o meu caderno para anotar tudo. *(pega na mochila)*

Maria Teresa – Tá bom Maria, eu cresci ouvindo essas lendas, e já vi muitas também, só não acredita quem não quer!

Raimundo – Hoje á noite vamos pra uma festa e é lua cheia, noite do boto aparecer! muito cuidado minhas netinhas pra não se encantar com ele como a Josi, amiga da sua vó... É bom vigiá hein!?

Júlio – Deixa com a gente vô, vamos ficar de olho!

LENDA DO UIRAPURU

Eles quase não conseguiram dormir, pois viram o boto levar a moça mais bonita da festa. Acordaram cedo e o assunto era só isso! *(todos falam um com o outro, como se estivesse falando da festa e aparição do boto)*

O avô pra acabar com a falação, disse que ia pescar, o problema é com quem ele ia pescar.

Raimundo – Tô saindo pra pescar com o João, bora comigo meninos??

Maria Teresa – Eu já não disse que não quero que tu fique andando com esse caboclo? E ainda vai levar os meninos ainda? vão voltar falando um bando de besteira assim como aquele macho.

Júlio – Mas o que a senhora tem contra esse homi, vô?

Maria Teresa – Odeio gente que fala pelos cotovelos, ele vive para falar besteira. Diz que pegou o uirapuru. Vive contando vantagem! Quando vem aqui em casa, fica falando, falando, comendo, comendo e ainda bagunça tudo, nem quando os meus filhos eram piquenos eles faziam tanta bagunça!

Raimundo – Para de ser exagerada mulher, ele não faz tudo isso não, e ele pegou sim o uirapuru, eu vi antes do pássaro fugir.

Ana Luíza – E que pássaro é esse para ele ficar contando tanta vantagem assim?

Maria Teresa – É outra lenda querida, dizem que é um pássaro especial, que ele traz sorte nos negócios, na saúde, no amor pra quem tem pelo menos uma peninha dele, imagina ele inteiro!

Alice – Nossa, até eu quero pegar esse pássaro! E qual é o problema do caboclo ter pego o bichinho?

Raimundo – O problema é que a tua avó não vai com a cara do homem, só isso.

Maria Teresa – O meu santo não bateu com o dele, não gosto dele e pronto!

Maria – Vô, mas por que esse pássaro dá sorte? Achei a lenda interessante, quero colocar no meu trabalho!

Maria Teresa – Vou te contar...Diz a lenda que Quaraçá era um jovem guerreiro indígena que adorava passear pela floresta tocando sua flauta de bambu. Ele era apaixonado por uma linda índia chamada Anahí, mas ela era casada com o cacique da tribo deles.

Desesperado por não conseguir ficar com sua amada, Quaraçá pede ajuda a Tupã que lhe transforma em um pequeno pássaro colorido com penas amarelas, vermelhas e pretas, chamado Uirapuru.

O Uirapuru voou pela floresta com o seu belo canto e toda vez que via Anahí cantava pra ela.

O cacique, também ficou encantado pelo canto, então decidiu entrar na floresta para pegar o pássaro para ele, mas ele se perdeu e nunca mais voltou para a tribo. Agora Anahí estava sozinha e só podia ouvir o canto do belo pássaro para confortar seu coração. E o jovem índio, que agora era um pássaro, restava esperar que a índia amada descobrisse quem ele era para desfazer o encanto.

Raimundo – Até eu fico triste por causa dessa história, imagina virar um pássaro? Enfim, vamos ou não?

Antônio – Vamos, tô com saudade de ir pescar!

Ana Luíza – eu também quero ir! Bora meninas?

As outras meninas falam: bora mermo!!!

Raimundo – Lascou-se minha velha! Vou levar é todo mundo!

Maria – leva essas pestes então! Mas num me traz aquele caboclo pávulo hein?

José – Não tenho paciência pra gente que fala demais, não sei se vou não, acho que vou é ficar com a vovó...

Júlio – Bora logo José, deixa de leseira!

José – Tá tá, eu vou, mas se esse caboclo ficar falando besteira ele vai levar um tubo no meio da cara!

LENDA DA COBRA GRANDE

A tarde passou calma na pescaria se não fosse o tal caboclo falador. José realmente perdeu a paciência com o homem e por isso voltaram cedo para casa pra se preparem pra irem de canoa pra Anori, pra festa do açai. Caiu a noite...

Maria Teresa – Amanhã na viagem temos que ficar de olho nas meninas, eu acho que amanhã é a noite da boiuna.

Raimundo – é só a gente tomar cuidado com elas, meninos fiquem grudados nelas.

Júlio – Ué, porque a gente tem que ficar de novo de olho nelas?

Antônio – pra proteger elas da tal boiuna seu lesó!

Ana Luíza – E que boiuna é essa?

Raimundo – É assim que a tua avó chama a Cobra Grande.

Maria – *(pega o caderno em cima da mesa)* É mais uma lenda? Conta logo vó, já peguei o meu caderno para anotar tudo.

Maria Teresa – Vocês têm certeza de que querem que eu conte? É quase uma história de terror, de assombração...

José – Sim, vovó! Gosto muito de histórias de terror.

Raimundo – Eu quero é ver, aposto que vai ter pesadelos de noite.

Maria Teresa – Deixa o menino Raimundo, vou contar logo. Há muito tempo atrás existiu uma mulher muito perversa que fazia muitas maldades, entre ela devorar crianças. Para acabar com os problemas que ela causava a tribo decidiu jogá-la no rio, para que ela se afogasse. Porém Anhangá, o gênio do mal, não quis que ela morresse, então se casou com ela e eles tiveram um filho. O pai transformou o menino em uma cobra, para que ele pudesse viver dentro do rio.

Mas, a cobra cresceu tanto que o rio ficou pequeno e os peixes iam desaparecendo pois a cobra comia todos. Seus olhos brilhavam durante a noite e andavam sobre os rios e praias procurando por caças e homens. As tribos com medo, deram o nome de Cobra Grande, também conhecida como Boiúna e Mãe d'água.

Quando a mãe da cobra morreu, sua dor se transformou em ódio mortal e depois daquele dia ela passou a dormir por baixo das cidades. Só acordando no verão ou então para assustar as tribos.

A lenda diz que uma vez por ano a Boiúna saí de seu esconderijo para escolher uma noiva entre as cunhãs da Amazônia. Por isso, sempre nesta época do ano, as pessoas tremem e as meninas se seguram forte nas redes para não serem levadas pela Cobra Grande.

Raimundo – Por isso é bom a gente ficar de olho nas meninas, não quero neta minha casada com boiúna nenhuma.

Antônio – Tá bom vô...

Liliane – Deus me livre me casar com uma cobra, credo cruz!!

Alice – Sim, tô até com medo agora, posso dormir com alguém?

José – Eita bixa medrosa! Fiquem com medo não, cobra nenhuma vai pegar vocês.

Liliane – É só a gente tomar cuidado, mas sem deixar de se divertir né.

Maria Teresa – Isso mesmo, sem medo meninas, os meninos e o seu avô vão proteger vocês, é só não ficarem muito longe, vocês têm que se divertir também.

Raimundo – Vamos dormir cambada! Amanhã temos que pegar a canoa cedo, porque é longe! Vamos chegar só na boquinha da noite em Anori.

LENDA DO TAMBATAJÁ

Após a festa, em que todos se divertiram bastante, sem serem incomodados por botos, boiuna ou caboclos faladores de mais. Todos se preparam para dormir na casa de um amigo dos avós, os meninos foram pro quarto e as meninas dormiram na sala.

Maria Teresa – Todas estão prontas para dormir? Espero que tenham se divertidos na festa.

Ana Luíza – Foi muito divertido, apesar do Júlio não sair do meu pé.

Alice – Nem me fale, eles levaram a tarefa de ficar perto da gente muito a sério.

Liliane – Pois eu me diverti muito mesmo, dancei que só!

Maria Teresa – Isso mesmo, é muito bom que tenham se divertido, e se os meninos estavam por perto é porque eles se importam com a segurança de vocês. Não se pode facilitar!

Maria – Vó, conta aquela história que a senhora contava quando a gente era criança, aquela dos índios que viraram planta.

Alice – Sim, conta vó!

Maria Tereza – Pois eu conto sim e para vocês saberem, essa é mais uma lenda do nosso folclore. Na tribo Macuxi havia um índio forte e muito inteligente. Um dia esse índio se apaixonou por uma bela índia de sua aldeia, então eles casaram e viviam muito felizes. Até que um dia a índia ficou muito doente e já não conseguia andar.

O índio Macuxi, para não ficar separado de sua amada, teceu uma tipóia e amarrou a índia em suas costas, levando ela para todos os lugares que ele ia. Mas, um dia, ela percebeu que o peso tinha aumentado mais do que o normal e quando a desamarrou ele viu que sua amada esposa estava morta.

O índio foi até a floresta e cavou um buraco a beira de um igarapé. Então ele se enterrou junto com sua esposa, pois para ele a vida não tinha mais sentido sem sua esposa ao seu lado.

Algumas luas se passaram e assim que chegou a lua cheia, naquele local onde estavam enterrados os índios macuxis, começou a brotar uma planta grandiosa, era uma espécie totalmente diferente e desconhecida de todos os índios macuxis.

A planta era o Tambatajá, uma planta que tem folhas triangulares, de cor verde escura e que na parte de trás tem uma outra folha menor. A união das folhas simboliza o grande amor entre o casal macuxi.

Maria – Que história linda vó. As meninas até dormiram, estavam cansadas da festa.

Maria Tereza – É linda mesmo, a minha mãe me contava essa história desde quando eu era pequenininha, eu contava para sua mãe também, fico muito feliz de vocês gostarem de ouvir também. Tem mais uma coisa que esqueci sobre o Tambatajá: dizem os caboclos que, se num quintal de uma casa, no Tambatajá nascer a folhinha menor é porque tem amor entre o marido e a mulher, mas se num nascer não tem amor entre eles. E, se aparecer uma terceira folhinha, alguém tá metendo chifres em alguém, ispia??(sorri)

Maria – Eita! Obrigada vó por me contar essas lendas tão importantes pra minha pesquisa.

Maria Tereza – não tem de quê filha... Durma bem...

FIM

Criação: Anny Gabrielly

APÊNDICE B – Partitura das lendas editadas

Soprano
e contraltos

Cobra Grande

Waldemar Henrique

ahlah! . Cre do cruz ah! ah! . Lá vem a co bra gran de lá vem à boi ú nã de

pra ta a da na da vem ren tea bei ra do ri o co ven to gri ta al to no me io da

ma ta cre do cruz! Ah! ah! Ah! ah! Ah! Ah! Ah! ah!

ah! a flo res ta tre meu quan do e la sa iu quem es ta va lá
ah! A noi va cu nhan tã 'sta dor min do me dro saa gar ra da com

per fô de me do fu giu ca boi ú na pas sou lo go tão de
for ça no pu nho da re de eo lu ar faz mor ta lhaem ci ma

pres sa que so men teum cla rão foi que se viu ne la
de la pe la fres ta que bra da da ja

Ê co bra gran de lá vai e la!

CORAL UIRAPURU-EESPP

tenores
e baixos

Cobra Grande

Waldemar Henrique

Ahlah! .. cre do cruz ahlah! Lá vem a co bra

5 gran de lá vem a boi ú na de pra ta a da na da vem ren tea bei ra do ri o co

9 ven to gri ta al to no me io da ma ta cre do cruz! cu nhan tâ tees

12 con de lá vem a co bra gran de Ah! ah! faz de pres sau mao ra

14 ção p're la não te le var Ah! ah! Ah! ah! Ah!

20 ah! ca boi ú na pas sou lo go tão de pres sa que so
eo lu ar faz mor ta lhaem ci ma de la pe la

23 1. men teum cla rão foi que se viu Cu nhan tâ tees ne la
fres ta que bra da da ja 2.

26 Ê co bra gran de lá vai e la!

CORAL UIRAPURU-EESPP

Soprano

Foi Boto Sinhá

Coral Uirapuru-EESPP

Waldemar Henrique

Edição e Adaptação: Leonice Farias

9

9

Ta já pa ne ma cho rou no ter rei ro ta já pa

13

ne ma cho rou no ter rei ro ea vir gem mo re na fu giu no cos tei ro ta já pa

17

ne ma se pôs a cho rar ta já pa ne ma se pôs a cho rar quem tem fi lha

21

mo ça é bom vi gi á á — Foi bô to si nhá — foi bô to si nhô —
 O bô to não dor — me no fun do do rio —

27

— que ve io ten tá — ea mo ça le vou no dan ça rá ah! ah! ah! ah!
 — seu dom é e nor me quem quer que o viu que di .. rá ah! ah! ah! ah!

33

D.S. al Fine 2.

.. foi bô to si nhô Ta já pa rio o o
 .. no fun do do —

Contralto

Foi Boto Sinhá

Coral Uirapuru-EESPP

Edição e Adaptação: Leonice Farias

Waldemar Henrique

9

Ta já pa ne ma cho rou no ter rei ro ta já pa

13

ne ma cho rou no ter rei ro ea vir gem mo re na fu giu no cos tei ro ta já pa

17

ne ma se pôs a cho rar ta já pa ne ma se pôs a cho rar quem tem fi lha mo

21

ça é bom vi gi á á — Foi bô to si nhá foi bô to si nhô
O bô to não dor me no fun do do ri o

27

.. que ve ijo ten tá — ea mo ça le vou no tar dan ça rá a que le — dou
.. seu dom é e nor me quem quer que o viu que di ga que in for me se lhe re sis

32

D.S. al Fine 2.

tô foi bô to si nhá — foi bô to si nhô ta já pa ri o o
tiu o bô to não dor me no fun do do —

Coral Uirapuru-EESPP
Edição e Adaptação: Leonice Farias

Foi Boto Sinhá

Waldemar Henrique

tenores e
baixos




Soprano

Tamba Tajá


Waldemar Henrique

INTRODUÇÃO A^b7 A dim A[#]m A7 A^b7 A dim A7




Tam ba ta já me faz fe liz que meu a mor me quei ra bem

6 D[#]7 Cm Bm A[#]m A7 Cm7 Bm



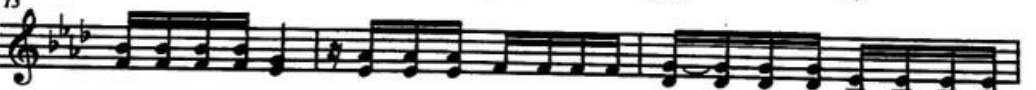
que seu a mor se ja só meu de mais nin guém que se ja meu to di nho meu de mais nin

9 A[#]m/A A^b F7 A[#]m D[#]7 Cm7 Bm




guém tam ba ta já me faz fe liz as sim o in dio car re
tam ba ta já me faz fe liz que mais nin guém pos sa bei

13 A[#]m D[#]7 Cm Bm A[#]m D[#]7




gou sua ma cu xi pa ra o ro ça do pa raa guer ra pa raa mor teas sim car
jar o que bei jei que mais nin guém es cu tea qui lo quees cu tei nem pos sao

16 Bm A[#]m D[#]7 A[#]m Cm Bm



re gue nos soa amor a bo a sor te tam ba ta já tam ba ta já
lhar den tro dos o lhos que o lhei ei ei

20 A[#]m A7 A^b7



tam ba ta já tam ba ta já já já

Coral Uirapuru-EESPP

contralto

Tamba Tajá

Waldemar Henrique

INTRODUÇÃO



Tam ba ta já me faz fe liz que meu a mor me quei ra bem



que seu a mor se ja só meu de mais nin guém que se ja meu to di nho meu de mais nin

guém tam ba — me faz fe liz as sim o in dio car re,
tam ba — me faz fe liz que mais nin guém pos sa beigou sua ma cu xi pa rao ro ça do pa raa guer ra pa raa mor teas sim car
jar o que bei jei que mais nin guém es cu tea qui lo quees cu tei nem pos saore gue nos soa amor a bo a sor te — ei tam ba ta já tam ba ta
lhar den tro dos o lhos que o lhei — ei

Coral Uirapuru-EESPP

baixo/tenor

Tamba Tajá

Waldemar Henrique

INTRODUÇÃO



Tam, tam ba ta já me faz fe liz a mor quei ra bem



Meu! Meu! Meu! Nin guém! Tam ba ta já me faz fe liz
 Tam ba ta já me faz fe liz



As sim o ín dio car re gou sua ma cu xi pa ra o ro ça do pa raa
 Que mais nin guém pos sa bei jar o que bei jei Que mais nin guém es cu tea



guer ra pa raa mor teas sim car re gue nos soa amor a bo a sor te ..
 qui lo quces cu tei nem pos sao lhar den tro dos o lhos que o lhei .. ci



Tam .. ba ta já á Tam .. ba ta já á já a á

Uirapuru

Soprano

Waldemar Henrique

Eu des ci a eo ca bo clo que re ma va não pa ra va de fa lar Ah!
Da mãe d'á gua dis se do ju ru ta í que se ri— pro lu ar Ah!

6
ah ah ah ah ah ô de vi sa ge e ju rou com pa vu
.. ah ah ô

12
la gem que pe gou ui ra pu ru Ah Ah! ah! que ca bo clo ten ta

17
dô! ca bo cli nho meu a mor ar ran ja um pra mim an do rô xa pra pe gar un zinhoas

21
sim o di a bo foi seem bo rae não quis me dá pa .. ra com prar Ah!

28
.. Ah! Ah! Ah! ô

Uirapuru

contralto

Waldemar Henrique

Cer ta vez de mon ta ri a eu des ci aum pa ra ná e o ca bo clo não pa
 so mi da mãe d'á guae do ta já e dis se do ju ru ta
 ra va de fa lar e de fa lar de fa lar ô Me con tou do lo bi
 i que se ri pro lu ar se ri pro lu ar pro lu ar ô Que man ga va de vi
 sa ge que ma tou su ru cu cu e que pe gou ui ra pu ru ui ra pu ru ui ra pu
 ru ui ra pu ru ui ra pu
 ru ô ô ô ô ô ô ô o di a bo foi seem bo rae não quis me
 dá vou jun tar meu di nhei ri nho pra po der com prar mas no di aem qu'eu com
 prar o ca bo clo vai so frer eu vou de sas so se gar o seu bem que rer seu bem que
 rer seu bem que rer Ah .. o ra dei xee le pra lá

coral uirapuru-EESPP

UIRAPURU

Lenda Amazônica

Waldemar Henrique
Arr: Nivaldo Santiago

Tenor

8 Eu des ci aum pa ra ná eo ca bo clo não pa ra va de fa —
da mãe d'a guae do ta já dis se do ju ru ta i se ri p'ro lu

6 lar não pa ra va de fa lar de fa lar que ca bo clo fa la dor
ar que se ri — p'ro lu ar p'ro lu ar que ca bo clo fa la dor de vi sa ge

11 que pe gou que pe gou ui ra pu ru ui ra pu — ru que pe gou ui ra pu ru ui ra pu ru

17 ò ò ò ò ò ò ò o di a bo foi seem bo rae não quis me dar

24 pa ra com prar eu vou — com prar vou de sas sos — se gar seu bem que

30 rer o seu bem que rer Ah! ê

Leonice Farias

UIRAPURU

Lenda Amazônica

Waldemar Henrique

Arr: Nivaldo Santiago

Baixo

5 Eu des ci aum pa ra ná co ca bo clo não pa ra va de fa—
da mãe d'a guae do ta já dis se do ju ru ta í se rí p'ro lu

6 lar e de fa— lar de fa lar ô
ar se rí p'ro lu ar p'ro lu ar ô de vi sa ge que pe gou que pe

12 gou ui ra pu ru ui ra pu ru e que pe— gou ui ra pu ru tum tum tum

19 tum tum tum tum tum tum tum o di a bo foi seem bo rae não quis me dar

24 pa ra com prar eu vou— com prar vou— de sas sos— se gar seu bem que

30 rer seu bem que rer Ah! ô

Leonice Farias

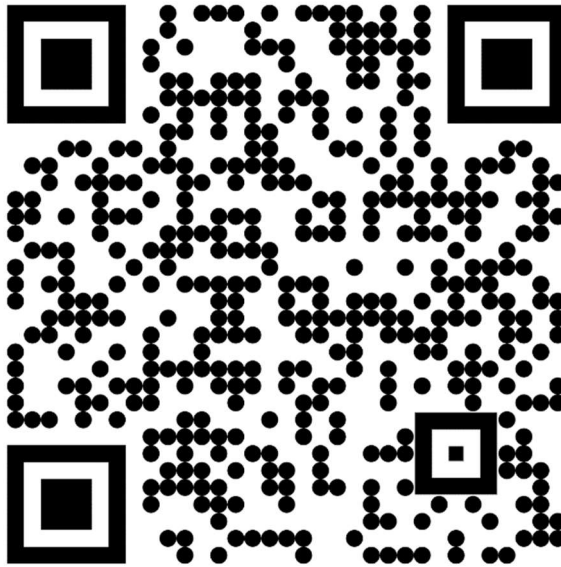
APÊNDICE C – QR CODES

QR CODE 1 – Instagram



@CORALUIRAPURUPP

QR CODE 2 – YouTube



APÊNDICE D – Modelo de Declaração de Consentimento Livre e Esclarecido



PODER EXECUTIVO
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
FACULDADE DE ARTES
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES – PPG-ART-MP



Prof-Artes
Mestrado Profissional em Artes
IES Associada - UFAM/UEA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do Estudo: **CORAL UIRAPURU E WALDEMAR HENRIQUE: ECOANDO A CULTURA AMAZÔNICA EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE MANAUS/AM**

Pesquisador Responsável: **LEONICE FARIAS DA SILVA**

O (A) Senhor (a) está sendo convidado (a) a participar de uma pesquisa. Por favor, leia este documento com bastante atenção antes de assiná-lo. Caso haja alguma palavra ou frase que o (a) senhor (a) não consiga entender, converse com o pesquisador responsável pelo estudo ou com um membro da equipe desta pesquisa para esclarecê-los.

A proposta deste termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) é explicar tudo sobre o estudo e solicitar a sua permissão para participar do mesmo.

Este estudo visa promover a valorização da cultura musical regional, especificamente por meio do ensino de canto coral em uma escola pública de ensino médio em tempo integral. Ao longo de 17 anos, o projeto identificou uma falta de apreço dos estudantes pela música regional, atribuída à influência predominante da cultura midiática e internacional promovida pelos meios de comunicação. O objetivo é combater essa tendência envolvendo os alunos no estudo e prática das músicas regionais de Waldemar Henrique, um defensor da cultura amazônica.

Se o(a) Sr.(a) aceitar participar da pesquisa, os procedimentos envolvidos em sua participação são os seguintes: a pesquisa, estudo e apresentação de quatro lendas do repertório do compositor, sendo encenadas e cantadas pelo coral em formato de narrativas. A finalização será gravada e disponibilizada nas redes sociais da escola e do coral, com a necessidade de autorização para o uso de imagem e voz dos participantes.

Em relação aos riscos, destaca-se o desconforto para alguns participantes ao cantar em público e a possível pressão de desempenho. No entanto, esses desconfortos podem ser temporários e superáveis com a prática e apoio adequado.

Os benefícios potenciais incluem a participação gratificante em um projeto de coral, proporcionando crescimento pessoal, aprimoramento de habilidades musicais e um senso de realização coletiva. Destaca-se ainda que fazer parte de um coral promove a inclusão do aluno como cidadão, contribuindo para o convívio social, expressão, criação de vínculos e o desenvolvimento de habilidades culturais e de comunicação.

Sua participação na pesquisa é totalmente voluntária, ou seja, não é obrigatória. Caso o(a) Sr.(a) decida não participar, ou ainda, desistir de participar e retirar seu consentimento durante a pesquisa, não haverá nenhum prejuízo ao vínculo institucional que você recebe ou possa vir a receber na instituição, no caso a Escola.

Não está previsto nenhum tipo de pagamento pela sua participação na pesquisa e o(a) Sr.(a) não terá nenhum custo com respeito aos procedimentos envolvidos.



PODER EXECUTIVO
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
FACULDADE DE ARTES
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES – PPG-ART-MP



Prof-Artes
Mestrado Profissional em Artes
IES Associada - UFAM/UEA

Caso ocorra algum problema ou dano com o(a) Sr.(a), resultante de sua participação na pesquisa, o(a) Sr.(a) receberá todo o atendimento necessário, sem nenhum custo pessoal.

Caso o(a) Sr.(a) tenha dúvidas, poderá entrar em contato com o pesquisador responsável Leonice Farias da Silva pelo telefone (92)992092369, Rua Pasteur, 1788, bairro Alvorada I e/ou pelo e-mail leoniceartemusic@hotmail.com).

Declaração de Consentimento

Autorizo o meu (minha) filho(a) _____ com RG: _____ a participar do estudo intitulado:

CORAL UIRAPURU E WALDEMAR HENRIQUE: ECOANDO A CULTURA AMAZÔNICA EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE MANAUS/AM

<p>_____</p> <p>Assinatura do participante ou responsável</p>	<p>Data: 03/12/2023</p>
---	-------------------------

<p><i>Leonice Farias da Silva</i></p> <p>_____</p> <p>Assinatura do Pesquisador</p>
